



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO - LET

FERNANDA DOS SANTOS SILVA

RETRADUÇÃO COMENTADA DA OBRA INFANTIL “LE PETIT NICOLAS”

Brasília - DF

2023

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso, componente obrigatório da grade curricular do Curso de Letras-Tradução Francês, da Universidade de Brasília (UnB), consiste em uma tradução comentada de cinco capítulos do primeiro volume da série de livros de literatura infantil *Le Petit Nicolas* (1960), escrito pelo autor René Goscinny e ilustrado pelo cartunista Jean-Jacques Sempé. O objetivo deste trabalho é propor uma tradução atualizada da obra francesa *Le Petit Nicolas*, já que existem apenas duas traduções para o português, sendo a última produzida no ano de 1997, mais de 20 anos atrás. E como a língua é viva e está sempre em constante mudança é válido trabalhar em uma nova proposta para a presente obra, visto que as traduções com o decorrer do tempo também envelhecem. A retradução permite que as obras traduzidas continuem sendo apreciadas e compreendidas ao longo do tempo, adaptando-se às evoluções linguísticas e culturais.

Palavras-chave: Tradução comentada, literatura infantil, o pequeno Nicolau, tradução literária.

RÉSUMÉ

Le présent Travail de Conclusion de Mémoire de Licence, discipline obligatoire du programme du cours de Lettres-traduction français, de l'Université de Brasilia (UnB), consiste en une traduction commentée de cinq chapitres du premier volume de la série de livres pour enfants *Le Petit Nicolas* (1960), écrit par René Goscinny et illustré par le dessinateur Jean-Jacques Sempé. L'objectif de ce travail est de proposer une nouvelle traduction de l'œuvre française *Le Petit Nicolas*, puisqu'il n'existe que deux traductions en portugais, la dernière a été écrite en 1997, il y a plus de 20 ans. Et comme la langue est vivante et toujours en évolution, il est intéressant de travailler sur une nouvelle proposition pour la présente œuvre, puisque les traductions vieillissent également avec le temps. La retraduction permet aux œuvres traduites de continuer à être appréciées et comprises au fil du temps, en s'adaptant aux évolutions linguistiques et culturelles.

Mots-clés : Traduction commentée, livres pour enfants, le petit Nicolas, traduction littéraire.

SUMÁRIO

| | | |
|----|----------------------------|----|
| 1. | INTRODUÇÃO..... | 5 |
| | 1.1 AUTORES..... | 6 |
| | 1.2 LE PETIT NICOLAS..... | 8 |
| 2. | REFLEXÃO TEÓRICA..... | 10 |
| 3. | RELATÓRIO DE TRADUÇÃO..... | 18 |
| 4. | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 25 |
| | REFERÊNCIAS..... | 26 |
| | TEXTO TRADUZIDO..... | 27 |

PREFÁCIO

A escolha da obra *Le Petit Nicolas* como tema deste Trabalho de Conclusão de Curso foi guiada por dois motivos que fizeram florescer uma paixão pela literatura infantil: o desejo de explorar os livros destinados aos pequenos leitores, visto que trabalho com crianças, e o carinho despertado por uma lembrança especial.

Em uma época marcante, durante o curso de francês no Centro Interescolar de Línguas do Guará, em 2011, tive a oportunidade de vivenciar um momento que se tornaria inesquecível: junto aos meus colegas de turma, assistir ao filme “O Pequeno Nicolau”. Desde então, nutro um afeto especial por essa obra, tanto pelo filme quanto pelo livro, mesmo sem tê-lo lido na época, conhecendo-o apenas por sua adaptação cinematográfica.

Ao ler o livro, pouco tempo depois de decidir utilizá-lo para este trabalho, fui envolvida novamente pela mesma sensação prazerosa do filme. Cada capítulo é repleto de histórias engraçadas e divertidas do cotidiano de uma criança, proporcionando um alívio momentâneo das dificuldades que enfrentamos na vida adulta. Com capítulos independentes e um vocabulário simples e acessível, que tornam a leitura agradável e divertida.

Esta jornada literária me permitiu unir o encanto dos livros infantis ao estudo da tradução, aprofundando os meus conhecimentos como tradutora e expandindo meus conhecimentos no idioma francês.

Assim, este Trabalho de Conclusão de Curso não é apenas o encerramento de uma etapa acadêmica, mas também o início de uma jornada contínua de aprofundamento na tradução e no universo literário infantil, um campo vasto que estou animada para explorar e contribuir no futuro.

1 - INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste em uma retradução comentada e atualizada do livro *Le Petit Nicolas* (1960), visto que a última tradução realizada dessa obra ocorreu em 1997, feita pelo tradutor Luis Lorenzo Rivera, sendo a última das duas únicas traduções brasileiras do livro. A primeira tradução ocorreu no ano de 1995, pelo tradutor Marcelo Corção.

A escolha por essa obra, além dos motivos citados no prefácio, também ocorreu em função da pouca visibilidade e do escasso interesse existente no campo da tradução literária infantil. Embora as obras infantis estejam começando a ganhar mais destaque atualmente, esse gênero literário não é um campo tão valorizado, e muitas vezes chega a ser considerado um gênero mais simples e de menos prestígio. Assim como o afirma o teórico Peter Hunt, em seu livro “Crítica, Teoria e Literatura Infantil (2010)”:

Do mesmo modo, para muitos acadêmicos, a literatura infantil (que, como veremos, se define exclusivamente em termos de um público que não pode ser definido com precisão) não é um assunto. Seu próprio tema parece desqualificá-la diante da consideração adulta. Afinal, ela é simples, efêmera, acessível e destinada a um público definido como inexperiente e imaturo. (HUNT, 2010, p. 18)

Contudo, deveria ser diferente já que o gênero textual infantil é o primeiro gênero da literatura que a criança tem contato. É nesse gênero que a criança aprende a desenvolver o seu senso crítico e a enxergar outras perspectivas do mundo.

Infelizmente, muitas vezes um leitor, quando deixa explícito o seu gosto apenas por livros desta categoria, é desconsiderado como um verdadeiro leitor. No entanto, é importante lembrarmos que a literatura é um universo vasto e diversificado. Cada indivíduo tem o direito de explorar os gêneros que mais lhe agradam, e suas escolhas não devem ser utilizadas para julgar a validade de alguém como leitor.

Assim, o intuito deste trabalho é realizar uma retradução, isto é, uma atualização linguística, visto que com o tempo a língua evolui e uma nova tradução permitirá que a obra seja apresentada a um novo público com uma linguagem mais atual e acessível. No campo da tradução literária, o processo de retradução e análise crítica das escolhas feitas neste trabalho pode contribuir, fornecendo percepções e/ou entendimentos mais aprofundados sobre os desafios e as estratégias envolvidas na tradução de textos literários infantis.

Para a realização deste trabalho, adotei a seguinte metodologia: inicialmente, realizei uma leitura completa do livro no idioma original, francês, com o intuito de me familiarizar com a obra. Após a leitura, dei início ao processo de tradução para o português. Como uma ajuda

inicial, utilizei a ferramenta de tradução *DeepL*, também utilizei dicionários como *Larousse* e *Cnrtl*, a fim de compreender o significado de palavras que fossem desconhecidas. Uma decisão que tomei quando iniciei o meu trabalho, foi não consultar as traduções pré-existentes para evitar influências externas sobre o texto que seria traduzido.

Por fim, a estruturação deste trabalho será organizada da seguinte maneira: inicialmente, será apresentada a biografia do autor, juntamente com um breve contexto sobre a obra em questão. Em seguida, será exposta uma reflexão teórica e, por fim, será apresentado o relatório de tradução. Na segunda parte do trabalho serão apresentados o texto original em francês e a respectiva tradução.

1.1 AUTORES

O roteirista René Goscinny nasceu em Paris, na França, no dia 14 de agosto de 1926. No entanto, aos dois anos de idade, ele e seus pais se mudaram para Buenos Aires, na Argentina, onde passou a maior parte da sua infância e juventude. A decisão de sua família de se estabelecer na América do Sul, em 1928, foi uma medida que lhes permitiu escapar dos conflitos gerados pela guerra que viria a acontecer posteriormente. Embora essa mudança tenha permitido que eles se salvassem, infelizmente, seus parentes não tiveram a mesma oportunidade, diante disso, Goscinny e seus pais tiveram que assistir de longe enquanto seus parentes enfrentavam os desafios e perigos da guerra.

Já estabelecidos no novo país de moradia, Goscinny começou a estudar em uma escola francesa. Na escola, já demonstrava interesse pelas artes, era um bom aluno e teve seus primeiros textos publicados nas revistas do colégio, como a *Notre Voix* e a *Quartier Latin*.

Em 1945, a convite do seu tio, mudou-se para o Brooklyn, bairro localizado em Nova York, com sua mãe. Nessa época, chegou a trabalhar com tradução em uma empresa de importação e exportação, período em que Goscinny já necessitava trabalhar devido à morte repentina de seu pai alguns anos antes.

Em 1959, o autor contribuiu com a criação da revista *Pilote*, cujo conteúdo era voltado para as *bandes dessinées*, as famosas *bd*, ou histórias em quadrinhos, em português. Já na primeira edição da revista, os quadrinhos de Astérix obtiveram grande sucesso e atraíram uma grande popularidade para as tirinhas.

Além do livro *Le Petit Nicolas*, Goscinny foi responsável por algumas *bandes dessinées* de sucesso, dentre as quais:

1. *Lucky Luke* (1955) – ilustrada por Morris;
2. *Astérix* (1959) – ilustrada por Albert Uderzo;
3. *Iznogoud* (1962) – ilustrada por Jean Tabary;
4. *Valentin* (1962) – ilustrada por Jean Tabary;

Goscinny acabou falecendo no dia 5 de novembro de 1977, em Paris, com apenas 51 anos de idade, em razão de um ataque cardíaco.

Em parceria com Goscinny, Jean-Jacques Sempé também foi um dos criadores do *Le Petit Nicolas*, ficando responsável pela ilustração da obra. O ilustrador, que ficou conhecido especialmente pelo seu trabalho na série de livros *Le Petit Nicolas*, nasceu em Bordeaux, na França, no dia 17 de agosto de 1932.

Sempé não teve uma infância fácil, cresceu sendo maltratado pelo padrasto, em um ambiente conturbado, o que acabou tornando-o um mau aluno, e assim desencadeando em uma expulsão do *Collège moderne*, localizado em Bordeaux. Aos 18 anos de idade, o cartunista decide sair de casa e ir para Paris. Um ano depois, em 1951, Sempé conseguiu vender o seu primeiro desenho.

O ilustrador também foi responsável por outras obras, como:

1. *La Grande Panique* (1966);
2. *Bonjour Bonsoir* (1974);
3. *Un Léger Décalage* (1977);
4. *Beau Temps* (1999).

Sempé faleceu aos 89 anos de idade, no dia 11 de agosto de 2022. A causa de sua morte não foi divulgada.

1.2 LE PETIT NICOLAS

Os autores René Goscinny e Jean-Jacques Sempé se conheceram em 1953, e três anos mais tarde desenvolveram o livro *Le Petit Nicolas*, no Brasil traduzido como *O Pequeno Nicolau*. Primeiramente surgiu em 1956, sendo lançado como história em quadrinhos, na revista belga *Le Moustique*; logo após, em 1960, foi lançado no jornal francês *Sud-Ouest Dimanche*, saindo do antigo formato e sendo publicado em formato de texto com ilustração.

O livro faz parte da categoria de literatura infantil e é o primeiro livro de uma série de cinco volumes. É dividido por capítulos, e ao todo são 19 capítulos. Cada capítulo apresenta uma história curta do cotidiano do personagem principal chamado Nicolau e dos seus amigos.

As histórias são leves e repletas de humor, e a narração nos traz a sensação de que realmente se trata de uma criança contando as histórias. Isso acontece porque as histórias são narradas pelo próprio personagem e trazem a perspectiva de Nicolau.

Nicolau é filho único e estuda em uma escola só para meninos. As histórias se passam na França. No decorrer do livro, ele conta as suas aventuras e como é a vivência com os seus colegas, seus pais, sua professora, seu vizinho e até mesmo com o inspetor da escola. Praticamente todas as aventuras se passam no colégio com os seus amigos e em casa com os seus pais.

Os colegas de Nicolau são completamente diferentes uns dos outros, cada um com suas próprias características, e sempre estão brigando, mas logo fazem as pazes.

Entre eles estão:

- Alceste: um amigo obeso que está sempre comendo.
- Agnan: é o melhor aluno da turma e queridinho da professora.
- Clotaire: é bastante distraído e lento, e sempre é o último da classe.
- Eudes: gosta muito de implicar e brigar com os outros.
- Geoffroy: é mimado e rico, e gosta sempre de se vestir melhor que os outros para se exibir.
- Joachim: é um colega que tem uma bicicleta.
- Rufus: tem o pai policial.

A dimensão do livro foi tão grande que foram realizadas traduções para mais de 45 países, 15 milhões de exemplares foram vendidas e também foi realizada adaptação para o cinema no ano de 2009. *Le Petit Nicolas* é um livro muito querido tanto pelo público adulto quanto pelo público infantil e dada a sua leitura simples e dos capítulos não serem interligados

uns nos outros, o livro é bastante recomendado para quem está começando a aprender francês e deseja começar com uma leitura fácil. Assim como o livro, o filme também é bastante sugerido para os aprendizes iniciantes da língua francesa.

2 REFLEXÃO TEÓRICA

Aqui encontram-se os referenciais teóricos que serviram de auxílio no processo da tradução da obra *Le Petit Nicolas*. Foram usadas como base as ideias dos seguintes autores: Paulo Henriques Britto, Nelly Novaes Coelho, Gillian Lathey, Riitta Oittinen, Jenny Williams e Andrew Chesterman. Os autores discorrem acerca da tradução literária, literatura infantil, tradução da literatura infantil e tradução comentada.

Embora estejamos vivendo na era da tecnologia, o livro continua sendo a melhor ferramenta no processo educativo. A comunicação de massa precisa ter como fundamento um texto, pois somente as palavras podem expressar uma rede de ideias (COELHO, 2000, p. 10). Uma das grandes funções da literatura é dar poder às pessoas para entenderem melhor o mundo que as cerca e assim não se prenderem tanto às imposições que a sociedade exige. Além de ser um grande instrumento pedagógico, a literatura infantil é uma literatura. Assim como afirma Nelly Novaes Coelho:

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização... (COELHO, 2000, p. 27).

Segundo Coelho (2000), a literatura infantil é um campo que abrange tanto a arte quanto a pedagogia, duas esferas distintas, porém, que são interligadas. Como arte, ela desperta emoções, proporciona prazer e diversão, e como parte da pedagogia, ela é usada como instrumento de intenção educativa.

A literatura infantil desempenha um papel essencial na vida de uma criança, pois, além de incentivar o gosto pela leitura, também atua como um agente formador, oferecendo uma variedade de benefícios significativos para o desenvolvimento infantil, como a estimulação da imaginação e da criatividade. Além disso, a literatura infantil expõe as crianças a novas ideias, temas e culturas, o que amplia os seus horizontes acerca do mundo e ajuda a criança a compreender a diversidade do mundo. Contribui para a aquisição de diferentes vocabulários, introduzindo novas palavras e expressões, auxiliando assim no desenvolvimento da compreensão gramatical e melhorando suas habilidades de comunicação.

Contudo, para que a experiência de leitura seja efetiva e significativa, existem alguns fatores que devem ser levados em consideração. Um dos principais é garantir que os textos sejam adequados às diferentes fases de desenvolvimento das crianças. (COELHO, 2000, p. 32). Ademais é um poderoso instrumento para fortalecer os laços familiares. Ela proporciona

momentos de conexão, transmissão de valores, cria memórias afetivas e desenvolve o amor pela leitura. Assim como afirma Lia Araújo Miranda de Lima:

Quando minhas filhas tomavam um livro nas mãos e saíam caminhando atrás de mim, pedindo “lê, mamãe lê!”, elas desejavam não apenas um auxílio para decifrar os códigos que ainda não conheciam (as letras, as palavras novas, as convenções de representação gráfica, as convenções narrativas), mas também uma companhia, um contato humano. A leitura infantil é marcada pela mediação e, portanto, pelo afeto. (LIMA, 2015, p. 41)

Além de despertar o gosto pela leitura em crianças, a literatura infantil também é capaz de despertar o prazer no ato de ler em adultos. Isso ocorre devido ao vocabulário simples e direto utilizado nesses gêneros literários, que fazem que a leitura se torne prazerosa e de fácil entendimento. Essa leitura acessível é um convite para adultos que não estão acostumados com o hábito de ler regularmente, e ao se depararem com livros infantis podem acabar despertando interesse pela leitura.

Outro fator que contribui para despertar prazer na leitura em adultos é a brevidade dos livros infantis. Como são livros com enredo e histórias mais curtas, a leitura é mais rápida e satisfatória. Isso pode atrair adultos que acham leituras mais extensas cansativas, que por falta de tempo não conseguem ler ou ainda que têm dificuldade de concentração. Durante a leitura, o leitor pode adquirir conhecimento de consciência de mundo, isto é, compreensão, percepção e interpretação sobre a realidade que o cerca. Após assimilada, ela começa a atuar em seu espírito, mas para que essa assimilação seja realizada, é preciso que a leitura seja capaz de estabelecer uma conexão entre o leitor e o livro lido. (COELHO, 2000, p. 51).

Por ser um gênero literário que contribui significativamente no desenvolvimento do pequeno leitor, a literatura infantil deveria ter mais visibilidade, porém é um mercado que ainda vem ganhando espaço. Nas palavras de Lima (2015):

Nas últimas décadas, a literatura para jovens e crianças tem conquistado grande espaço no mercado editorial brasileiro e já não pode ser ignorada pela pesquisa científica. Essa guinada teve importante marco nos anos de 1980, quando se deu o conhecido *boom* da literatura infantil brasileira, conforme registra Lígia Cademartori (1994). (LIMA, 2015, p.3).

Sobre o prestígio da literatura infantil, Lathey (2006) afirma que a literatura infantil não é tão prestigiada quanto os outros gêneros literários e que o seu retorno financeiro é muito menor, e isso devido ao fato de que os tradutores modificam muito os textos, modificam partes que jamais modificariam em um texto que não fosse para crianças.

Tradutores têm historicamente tratado os textos infantis de forma desdenhosa e têm feito alterações que são muito menos prováveis de ocorrer em traduções para adultos. Shavit indica maneiras pelas quais o baixo status da literatura infantil, de fato, sua classificação em muitos países ao lado da literatura popular, levou a alterações e abreviações radicais, citando exemplos de textos clássicos que migraram do cânone adulto para o infantil, como "Gulliver's Travel" e "Robinson Crusoe" (LATHEY, 2006, p.12, tradução nossa)¹.

Embora a tradução seja uma prática bastante antiga, segundo Britto (2012), o estudo da tradução como matéria acadêmica é uma atividade muito recente, tendo início apenas em 1970, e apesar de ser uma tarefa constantemente utilizada, seja ao ler um livro, um manual de instruções ou uma bula de remédio, o trabalho do tradutor ainda não tem tanta visibilidade.

Sobre a tradução de texto literários, sabe-se que não é uma tarefa tão fácil e simples como parece, uma vez que não se resume apenas em ter domínio gramatical dos idiomas envolvidos. É uma atividade um pouco mais complexa que engloba ter também conhecimento da cultura por trás das línguas trabalhadas, ter conhecimento dos contextos em que as palavras estão sendo utilizadas, conhecer as expressões e gírias, ter conhecimento especializado para resolver dificuldades técnicas e também ter criatividade e habilidades de pesquisa para solucionar quaisquer problemas que possam surgir.

Paulo Henriques Britto, poeta, professor e tradutor brasileiro, afirma que:

O inatingível ideal do tradutor literário é recriar em seu idioma uma obra estrangeira, encontrando correspondências para cada um dos incontáveis elementos que compõem um texto: palavras, sintagmas, características morfosintáticas e fonológicas trocadilhos etc.; na impossibilidade de realizar essa tarefa de modo perfeito, ele tenta ao menos reconstruir da melhor maneira o que lhe parece de mais importante no original. (BRITTO, 2012, p.56)

Compreende-se, portanto, que não existe tradução perfeita. Ao traduzir, o tradutor tenta recriar no idioma de chegada a qualidade artística, a intenção comunicativa, a experiência de leitura do texto de partida, não se trata apenas de traduzir palavra por palavra. Não perder nenhum desses aspectos do texto original ao tentar recriá-lo em um outro idioma é uma tarefa muito complexa.

No livro *A tradução literária*, Britto (2012) afirma que Holmes e outros pioneiros do campo da tradução estabeleceram uma abordagem conhecida como “virada cultural”. A virada

¹ Em inglês: “*Translators have historically treated children’s texts in cavalier fashion, and have made alterations that are far less likely to occur in translations for adults. Shavit indicates ways in which the low status of children’s literature, indeed its ranking in many countries alongside popular literature, has led to radical alteration and abridgment, citing examples of classic texts that have migrated from the adult to the children’s canon such as Gulliver’s Travels and Robinson Crusoe (see Part 1)*”. (LATHEY, 2006, p. 12).

cultural enfatiza que um texto só pode ser compreendido e traduzido, quando é considerado um fenômeno cultural. Podemos afirmar que olhar para o texto como um fenômeno cultural é enxergar além dos aspectos estritamente linguísticos. É reconhecer a importância dos fatores culturais presentes no texto, como valores, crenças, tradições, normas sociais, referências históricas. Os tradutores que adotam essa abordagem percebem que as palavras e expressões podem ter significados diferentes entre uma cultura e outra e que a intenção do autor é fundamentada na sua própria cultura.

Cada tradução carrega consigo a bagagem de vida do tradutor. Essa bagagem inclui o nível de conhecimento da língua materna, nível de conhecimento da língua estrangeira, experiências de vida, educação recebida e interações sociais, definitivamente todos esses elementos são utilizados quando o tradutor traduz um texto. Essa bagagem influencia diretamente na tomada de decisão das escolhas tradutórias do tradutor. Assim como afirma Riitta Oittinen:

Tradutores nunca traduzem palavras isoladamente, mas sim todo o contexto. Eles trazem para a tradução sua herança cultural, sua experiência de leitura e, no caso de livros infantis, sua imagem da infância e sua própria imagem de criança. (OITTINEN, 2000, p.3, tradução nossa)².

Traduzir literatura infantil é uma atividade ainda mais complexa e delicada, visto que a leitura se trata de uma atividade que contribui significativamente para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional da criança. A tradução desses determinados livros é uma tarefa importante e que deve ser feita com cuidado. De acordo com Lathey (2006), ao se traduzir livros de literatura infantil, é fundamental ter cuidados específicos, levando em consideração que a criança ainda não tem tanto conhecimento adquirido em comparação com uma pessoa adulta. Sendo assim, ao traduzir para crianças é importante não só refletir sobre a intenção original do autor, mas é necessário também considerar a perspectiva da criança. Isso significa pensar como a criança, para que ela possa entender o contexto cultural e as referências locais presentes no texto, e assim poder se conectar e se identificar com a leitura.

Traduzir para crianças é ter que adequar o texto para o mundo delas, tornando a leitura mais acessível e mais atraente. Assim como nos textos originais, nas traduções desse gênero literário, também se utiliza uma linguagem mais simples e direta, com frases curtas e objetivas. É essencial estar sempre atento ao vocabulário utilizado, evitando conceitos ou palavras muito

² Em inglês: “*Translators never translate words in isolation, but whole situations. They bring to the translation their cultural heritage, their reading experience, and, in the case of children’s books, their image of childhood and their own child image.*” (OITTINEN, 2000, p. 3).

complexas ou inadequadas. Os personagens também precisam ser facilmente identificados, com personalidades distintas e com características marcantes. Assim como afirma Coelho (2000):

As *personagens* são basicamente tipos (desempenham funções no grupo social a que pertencem: o rei, o filósofo, o sábio, o viajante, a gralha, o pavão, a leiteira, a viúva, as filhas, a fada...) ou *caracteres* (representam comportamento ético ou padrões espirituais: o intrigante, o mentiroso, o odiento, o generoso, o traidor, o mal agradecido, o malvado, o vaidoso ou presunçoso, o sonhador, o cordial, o malcriado, o caridoso...). (COELHO, 2000, p. 106).

Durante a leitura do livro utilizado neste trabalho, *Le Petit Nicolas*, pudemos observar essas particularidades: os personagens são bem definidos e são repetidamente apresentadas as características do personagem que é citado.

Abaixo na tabela veremos alguns exemplos:

Quadro 1 - Exemplos das características dos personagens

| Francês | Português |
|---|--|
| Agnan, qui est le premier de la classe et le chouchou de la maîtresse. | Agnan, que é o melhor aluno da turma e o queridinho da professora. |
| Joachim, c'est un copain d'école qui a un vélo. | Joaquim é um colega que tem uma bicicleta. |
| Alceste, c'est mon copain qui est très gros et qui mange tout le temps. | Alceste é um amigo que é bem gordo e que come o tempo todo. |

Fonte: elaborado pela autora

Apesar de Lathey (2006) dizer que não podemos esperar que os pequenos leitores entendam nomes estrangeiros ou de locais presentes no texto, a autora também afirma que não adaptar os nomes não fará com que o interesse pelo livro seja perdido, já que a narrativa o atrai, e manter os nomes originais poderá apresentar para a criança sons e formas de nomes desconhecidos, assim expandindo o seu repertório cultural.

Certamente há uma boa razão para traduzir nomes se eles possuem um significado relevante para a história, como Pippi Langstrump para Pippi Longstocking, por exemplo, mas as crianças podem e realmente apreciam o som e a forma de nomes desconhecidos. Uma vez que a narrativa desperta seu interesse, os jovens leitores perseverarão com nomes e localidades que estão muito além da sua compreensão em mitos, lendas e ficção de fantasia escritos em sua língua nativa, sem mencionar em traduções e certamente nunca serão intrigados e atraídos pela diferença se ela lhes for negada. (LATHEY, 2006, p.11, tradução nossa)³.

³ Em inglês: "There is certainly good reason to translate names if they have a meaning relevant to the story - Pippi Langstrump to Pippi Longstocking, for example - but children can and do take delight in the sound and shape of unfamiliar names. Once a narrative engages their interest, young readers will persevere with names and localities

Como a autora afirma, é interessante traduzir os nomes estrangeiros caso na história eles tenham um sentido relevante, mas como na presente obra *Le Petit Nicolas* os nomes não têm significados tão importantes assim, e traduzidos para o português já são nomes bem diferentes, não tão utilizados, e que causam certa estranheza no leitor, então optei por mantê-los na forma original.

Manter os nomes próprios na língua de partida pode despertar na criança o interesse por outras línguas e a curiosidade por outras culturas. Em um mundo globalizado, é de suma importância ter conhecimento de outros idiomas, não apenas para ampliar o acesso a informações de materiais que possam estar disponíveis somente em determinadas línguas, como artigos e livros, mas também para, no futuro, facilitar a inserção no mercado de trabalho.

Além disso, conhecer outros idiomas e culturas é um grande enriquecimento pessoal. Ter a oportunidade de conhecer uma nova cultura de forma mais autêntica, ter encontros significativos com pessoas que possuem hábitos e perspectivas completamente diferentes das habituais conhecidas, que vivem tradições distintas, cujo modo de vida nos desafiam a repensar nossas próprias visões de mundo.

Sobre a retradução, Berman (1990) afirma que:

É preciso retraduzir porque as traduções envelhecem e porque nenhuma é a tradução: assim vemos que traduzir é uma atividade submetida ao tempo e uma atividade que tem uma temporalidade própria: a da caducidade e do inacabamento. (BERMAN, 1990, p.262)

Dado isso, percebe-se que além da caducidade da obra, outra grande razão para fazer uma retradução, seria o inacabamento. O inacabamento na tradução se refere ao fato de que uma tradução está sempre aberta a novas interpretações, revisões e melhorias. Ao longo do tempo, à medida que a compreensão de um tradutor sobre uma obra melhora, as traduções podem ser aprimoradas. Além disso, diferentes tradutores podem adotar diferentes abordagens para a mesma obra, podendo tomar decisões distintas, decisões que podem estar ligadas à escolhas do estilo de escrita, ser mais fiel ao texto ou realizar mais adaptações e etc.

A tradução comentada ainda é um gênero textual não tão difundido. Apesar de ser bastante utilizado no meio acadêmico, ainda é um gênero que está em desenvolvimento. Diferentemente da tradução comum, a tradução comentada oferece esclarecimentos culturais,

that are well beyond their ken in myths, legends and fantasy fiction written in their native languages, let alone in translations, and they will certainly never be intrigued and attracted by difference if it is kept from them." (LATHEY, 2006, p.11).

contextuais ou linguísticos sobre o texto traduzido. Os comentários têm como objetivo enriquecer a compreensão do leitor, tornando a leitura mais acessível e esclarecedora.

Conforme Williams e Chesterman (2002), a tradução comentada, também conhecida como tradução anotada, é uma pesquisa introspectiva e retrospectiva. Neste método, o tradutor traduz um texto e paralelamente faz comentários sobre o processo desta tradução.

A pesquisa introspectiva é um processo em que o tradutor se envolve em uma análise reflexiva durante o trabalho de tradução. Essa prática envolve uma autoanálise profunda, buscando compreender as razões por trás das escolhas feitas ao traduzir um texto. As decisões tradutórias podem ser influenciadas pelas experiências pessoais, conhecimentos e perspectivas do tradutor. Por meio da pesquisa introspectiva, o tradutor procura entender e se conscientizar dos motivos que o levaram às escolhas específicas, o que contribui para uma melhor compreensão do seu próprio processo de tradução e para um aprimoramento contínuo das habilidades tradutórias.

A pesquisa retrospectiva é um processo de análise e reflexão sobre traduções anteriores realizadas pelo tradutor. Durante o processo, o tradutor revê seu trabalho passado, examina as decisões tomadas durante a tradução e identifica o que foi bem sucedido e o que pode ser melhorado. Permite que o tradutor aprenda com suas experiências anteriores, identifique padrões e desenvolva uma compreensão maior das suas preferências tradutórias.

Os comentários presentes na tradução ajudam a moldar e aprimorar as escolhas tradutórias. Podem incluir alguma discussão sobre o processo de tradução ou uma análise de aspectos do texto original, que abrangem diversos aspectos, como gramática, estrutura da frase, contexto cultural e linguístico, além de outros desafios encontrados durante o processo de tradução. Os comentários também fornecem soluções e explicações sobre como esses obstáculos foram resolvidos. Eles podem ser adicionados tanto antes, quanto durante ou após a tradução.

Com base nessa reflexão, percebemos que, durante a tradução, o tradutor literário busca recriar no idioma estrangeiro, da melhor maneira possível, a qualidade artística, a intenção comunicativa e a experiência da leitura do texto original. A tradução não pode ser uma simples transposição de palavras de uma língua para a outra. Além disso, para a tradução de obras infantis é importante considerar a perspectiva da criança ao traduzir. O tradutor precisa ter consciência de que elas não possuem o mesmo conhecimento que uma pessoa adulta, mas nunca se deve subestimar a sua capacidade, pois as crianças são capazes de ir muito além do que imaginamos. Portanto, ao traduzir uma obra infantil, é fundamental encontrar um equilíbrio entre a fidelidade ao original e a adaptação adequada ao público-alvo, levando em consideração

o tom lúdico, a linguagem acessível e os elementos culturais que possam ser compreendidos pela criança.

3 – RELATÓRIO DE TRADUÇÃO

Inicialmente, a escolha da obra foi fundamentada em um desejo próprio de traduzir uma obra de literatura infantil. Após selecionar o livro, realizamos uma leitura inicial para determinar quais capítulos seriam traduzidos. Levando em consideração que, para este trabalho não seria necessário traduzir o livro completo, optou-se por escolher apenas cinco capítulos específicos.

A escolha desses capítulos foi baseada nos desafios tradutórios presentes em cada um. Ao identificar os desafios, tais como expressões idiomáticas, jogos de palavras, questões culturais e nomes próprios, priorizou-se a tradução desses capítulos para testar as habilidades e criatividade de tradução, visto que esse é o objetivo principal deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Uma das primeiras dificuldades que surgiu ao me deparar com o texto original, foram os nomes próprios. Como é um livro que narra as aventuras do cotidiano do personagem principal e seus amigos, são incontáveis as vezes que aparecem nomes próprios. O nome do personagem principal, que originalmente é “Nicolas”, foi previamente traduzido como “Nicolau” no Brasil. Considerando que a obra já é conhecida como “O Pequeno Nicolau”, decidi manter o nome como “Nicolau” na minha tradução, pois alterá-la poderia causar confusão ou perder a identidade que a obra já possui. Manter o nome “Nicolau” permite que os leitores associem de imediato o personagem à versão já conhecida da história, visto que o nome do protagonista também aparece no título do livro.

Ao me deparar com outros nomes próprios que surgiram nos capítulos traduzidos, enfrentei um dilema: traduzi-los ou mantê-los como no original. Após uma cuidadosa reflexão, decidi que preservar a maioria dos nomes originais seria mais interessante e enriquecedor para a leitura, pois isso estabelece uma conexão direta com a cultura francesa, mesmo que pequena. Manter os nomes em francês pode despertar a curiosidade dos leitores em relação à língua e à cultura francesa. Essa escolha pode servir como um primeiro estímulo para aprender mais sobre o idioma, e funciona como um sutil convite para os leitores irem em busca de se aventurarem além da história e irem explorar uma nova língua e cultura.

Mesmo sendo uma obra destinada ao público infantil, esse é um livro mais extenso, com bastantes textos. Ao escolher um livro mais extenso, acredita-se que as crianças que se aventuram em sua leitura possuem habilidades e compreensão mais avançadas. Essas crianças

são capazes de entender que se trata de um texto traduzido e que alguns nomes próprios são originários de outro país.

Esta tradução não foi feita com o objetivo de ser totalmente voltada para a língua de chegada, mas também com o de encontrar pequenas características da língua de partida, que possam enriquecer e expandir os conhecimentos culturais do leitor. Ao preservar esses elementos, mesmo que causem certo estranhamento, acabam se tornando uma oportunidade de aprendizado e descoberta.

O estranhamento acontece quando encontramos elementos linguísticos, culturais ou estilísticos que são diferentes daqueles a que estamos acostumados. Este procedimento desafia o leitor a sair de sua zona de conforto, estimulando-o a explorar novos horizontes e perspectivas. Ao encontrar elementos desconhecidos, o leitor é incentivado a buscar um entendimento mais profundo, refletir, questionar e expandir o seu conhecimento além do texto em si.

Contudo, optei também por adaptar foneticamente alguns nomes para facilitar a pronúncia em português, tornando a leitura fluente e acessível, mas sem aporuguesar os nomes.

Nos capítulos traduzidos, encontramos os seguintes nomes próprios: Dubon, Agnan, Clotaire, Joachim, Geoffroy, Alceste, Rufus, Maixent, Georges, Eudes, Blédurt e Eulogie. Ao considerar a pronúncia desses nomes em português, identifiquei que alguns deles podem ser facilmente pronunciados sem grandes alterações, como Dubon, Agnan, Alceste, Rufus, Georges e Eudes. Portanto, decidi mantê-los como no original. No entanto, os nomes Clotaire, Joachim, Geoffroy, Maixent, Blédurt e Eulogie podem apresentar certa complexidade de pronúncia para aqueles que não estão familiarizados com os fonemas franceses. Com o objetivo de garantir uma leitura fluida, optei por fazer pequenas adaptações nesses nomes, tornando mais fácil a pronúncia para os leitores em português.

No quadro abaixo, apresenta-se a tradução dos nomes que foram traduzidos:

Quadro 2 - Nomes próprios retraduzidos

| Original | Última tradução | Retradução |
|-----------------|------------------------|-------------------|
| Clotaire | Clotário | Clotário |
| Joachim | Joaquim | Joaquim |
| Geoffroy | Godofredo | Godofredo |
| Maixent | Maximiliano | Maximiliano |
| Blédurt | Durázio | Blédurte |

| | | |
|---------|---------|---------|
| Eulogie | Eulógia | Eulógia |
|---------|---------|---------|

Fonte: elaborado pela autora

O tradutor desempenha um papel importante ao selecionar quais elementos preservar ou adaptar na tradução, levando em consideração as possíveis perdas e ganhos ao realizar as escolhas tradutórias. Embora nem sempre seja algo negativo, é importante sempre buscar um equilíbrio entre a adaptação e a fidelidade ao original, tornando o texto acessível ao público-alvo, assim possibilitando que o leitor consiga compreender o texto de maneira geral e crie uma conexão.

Durante a tradução de nosso *corpus*, um dos maiores desafios tradutórios, em relação aos nomes próprios, foi o apelido dado ao personagem que desempenhava o papel de supervisor da escola. Seu nome era Dubon, mas o seu apelido era Bouillon. Enquanto os nomes dos outros personagens não possuem nenhuma informação intencional, o apelido do supervisor da escola carrega um significado por trás dele.

O termo *Bouillon* em francês pode ter alguns significados, mas no contexto do livro, ele se refere à sopa. O apelido dado ao supervisor é derivado da frase que ele usa frequentemente para chamar a atenção dos alunos: “*regardez-moi dans les yeux*” [olhem bem nos meus olhos]. A explicação do ponto de conexão entre o apelido e a frase usada pelo supervisor é um pouco complexa. A princípio demorei para compreender os significados existentes da palavra *Bouillon*. Contudo, aqui está o ponto de conexão: quando a sopa está sendo preparada e contém óleo, a gordura do óleo ou de outros ingredientes sobe até a superfície, formando pequenos pontos de óleo. Em francês, esses pontos de óleo são chamados de “*yeux*”, que significa “olhos” em português.

Na foto abaixo, encontra-se um exemplo dos pontos de óleo, os chamados *yeux* em francês:

Figura 1 - Pontos de óleo



Fonte: Bionique Artbite fr⁴

Embora o termo *Bouillon* no livro se refira à sopa, o apelido dado ao supervisor da escola não se refere diretamente à sopa em si, mas sim às bolhas de óleo que se formam no processo de preparação da sopa. Em um trecho do livro menciona-se: “*On l’appelle comme ça, parce qu’il dit tout le temps : « Regardez-moi dans les yeux », et dans le bouillon il y a des yeux*” [Nós o chamamos assim porque ele sempre diz: “Olhem bem nos meus olhos”, e na sopa tem olhos].

Com base nessa explicação, optei por não traduzir o apelido simplesmente como “sopa”, seu significado literal, pois isso não captaria o verdadeiro significado da relação entre a frase dita pelo supervisor e as bolhas de óleo na sopa. Em vez disso, escolhi traduzir o apelido como “Bolhão”, uma combinação das palavras “bolha” e “olhão”, que transmite de forma mais precisa a ideia das bolhas de óleo e da frase característica do supervisor da escola.

Dessa forma, ao utilizar a tradução “Bolhão” como apelido do personagem, os leitores poderão compreender melhor a conexão simbólica e engraçada presente no livro.

Quadro 3 - Retradução do apelido do supervisor

| Original | Última tradução | Retradução |
|-----------------|------------------------|-------------------|
| Bouillon | Sopa | Bolhão |

Fonte: elaborado pela autora

Outra questão que surgiu durante a tradução foi a expressão idiomática *vilain cafard*. Embora a palavra “*vilain*” em francês possa significar “feio” ou “malvado” e a palavra “*cafard*” signifique “barata”, quando combinadas, elas adquirem um significado completamente diferente. Após uma pesquisa aprofundada e após a leitura do artigo “Estudo das Unidades Semifraseológicas em Textos Autênticos do Francês: As Colocações”⁵, constatei que a expressão “*vilain cafard*” em francês possui uma conotação ofensiva e pode ser considerada um xingamento. A palavra “*cafard*” também pode ser interpretada como “dedo-duro”. Em francês, o termo “*vilain*” atua como um intensificador em contextos de xingamento, no caso presente, ampliando a negatividade expressa pela palavra “*cafard*”.

⁴ Disponível em: https://bionique.artbite.fr/local/cache-vignettes/L324xH225/bionique-a304-yeux-bouillon_de_volaille-logo-ea5ad.jpg

⁵ Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/download/38829/24738/172541>

Após analisar o contexto do texto traduzido, fica claro que a palavra “cafard” no caso específico mencionado tem o significado de “dedo-duro”. No trecho em questão, o personagem Nicolau utiliza a expressão para se referir a um colega de sala que contou para a professora sobre os palavrões que os colegas ensinaram ao novo aluno durante o recreio. Levando em consideração o contexto, decidi traduzir a expressão “*vilain cafard*” como “dedo-duro”, uma opção de tradução simples e direta. Essa escolha captura de forma precisa o sentido de alguém que delata ou denuncia os outros, agindo como um informante. Ao optar por essa tradução, não existe a necessidade de adicionar algum intensificador em português.

Quadro 4 - Retradução da expressão “*vilain cafard*”

| Original | Última tradução | Retradução |
|----------------------|------------------------|-------------------|
| <i>Vilain Cafard</i> | Traidor sujo | Dedo-duro |

Fonte: elaborado pela autora

Após resolver essa questão tradutória acima, deparei-me com outra expressão que também possui um caráter ofensivo e possui um intensificador para reforçar a ofensa. A expressão em questão é “*espèce de guignol*”. Se traduzidas literalmente, a palavra “*espèce*” significa “espécie” ou “tipo” em português, já a palavra “*guignol*” remete a uma marionete ou fantoche.

Inicialmente, Guignol se referia a um personagem de fantoches do teatro de marionetes francês, criado em Lyon. Guignol se tornou popular e ficou conhecido pelo seu tom irônico e sarcástico. A combinação das palavras “*espèce*” e “*guignol*” forma uma expressão que pode ser considerada um xingamento, utilizada para descrever alguém que age de maneira tola, desajeitada ou ridícula, transmitindo a ideia de alguém que se comporta como uma marionete, sem controle ou bom senso. A expressão traduzida literalmente fica como “espécie de marionete”.

No contexto do texto traduzido, o personagem Eudes usa a expressão “*espèce de guignol*” como uma ofensa para repreender a atitude do personagem Godofredo de responder à pergunta de forma ignorante, como se fosse uma pergunta óbvia, indicando que ele considera Godofredo uma pessoa tola ou ridícula por tal atitude. Nesse caso, acredito que se encaixaria muito bem no contexto traduzir a expressão por “seu idiota” ou “seu ridículo”. As duas escolhas captam o sentido pejorativo usado para descrever alguém que é considerado tolo, estúpido, ignorante ou que age de forma irracional. Porém, nesse texto traduzido, considero que a tradução “seu ridículo” se encaixa de maneira mais adequada. Essa escolha permite transmitir

a reprovação à atitude do Godofredo, mas de forma menos ofensiva e mais suave, preservando o tom leve da narrativa destinada ao público infantil.

Quadro 5 - Retradução da expressão “*espèce de guignol*”

| Original | Última tradução | Retradução |
|--------------------------|------------------------|-------------------|
| <i>Espèce de Guignol</i> | Seu palhaço | Seu ridículo |

Fonte: elaborado pela autora

Outra questão que também observei durante a tradução, foi a repetição dos termos “*drôle*” e “*drôlement*”. A palavra “*drôle*” em francês pode ser traduzida como “engraçado” ou “estranho”, e a palavra “*drôlement*” é o seu advérbio, que pode ser traduzido como “estranhamente” ou “comicamente” ou até mesmo ser traduzido como “muito” ou “realmente” quando utilizado para intensificar o sentido de algo engraçado ou estranho. No entanto, no decorrer da tradução, percebi que esses termos eram utilizados de maneiras diferentes das usuais.

Seguem no quadro abaixo alguns exemplos:

Quadro 6 - Exemplos do uso das palavras “*drôle*” e “*drôlement*”

| Original | Última tradução | Retradução |
|--|---|---|
| ...c'est drôlement chouette de jouer. | ...é superlegal jogar entre as carteiras. | ...é muito divertido jogar entre as mesas. |
| ...il donne de drôles de punitions. | ...ele dá castigos terríveis . | ...ele dá castigos terríveis . |
| ...qui apprend drôlement vite. | ...que aprende incrivelmente rápido. | ...que aprende surpreendentemente rápido. |
| ...j'étais drôlement impatient... | ...eu estava muito aflito... | ...eu estava extremamente impaciente... |
| ...j'étais un drôle de champion cycliste... | ...eu fui um grande campeão de ciclismo... | ...eu fui um grande campeão de ciclismo... |

Fonte: elaborado pela autora

Acredito que a repetição dessas palavras em francês contribuía para um tom humorístico no livro, porém no texto de chegada é importante considerar o contexto e encontrar propostas equivalentes na língua de chegada. Em português, não temos uma só palavra que corresponda

exatamente a todas as nuances de “drôle” e “drôlement”. Portanto, na tradução, optei por buscar fluidez e naturalidade na tradução dos termos, evitando a repetição excessiva de palavras que poderiam empobrecer o texto, assim optando por buscar criatividade e variedade na escolha das palavras.

E por fim, ao me deparar com a expressão “*lâcher quelqu’un dans un col*”, percebi que não a conhecia. Ao pesquisar o seu significado, descobri que ela é utilizada no contexto das corridas de ciclismo.

No texto traduzido, o personagem Joaquim está treinando para o Tour de France, que ele fará quando for grande. A Tour de France é a mais famosa e prestigiada corrida de ciclismo, que acontece anualmente na França e conta com diversas etapas. Então, no texto, após Joaquim ir atrás do carro tentar resgatar as flores da mãe do Nicolau e ser deixado para trás, é dito a seguinte frase: “*qu’elle l’avait lâché dans un col*”.

A expressão “*lâcher quelqu’un dans un col*” se refere a deixar alguém para trás durante uma subida de montanha. Nas etapas do Tour de France, as chamadas “cols” são subidas íngremes localizadas nas montanhas. Quando um ciclista não consegue acompanhar os demais competidores, ele é deixado para trás, em francês ele é “*lâché dans un col*”. Dado isso, optei por traduzir a expressão “*qu’elle l’avait lâché dans un col*” como “*tinha deixado ele para trás em uma subida*”.

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi trazer uma versão mais atualizada para os leitores, adaptando expressões e contextualizando elementos que possam estar desatualizados, visto que uma nova retradução pode contribuir para uma maior divulgação e apreciação da obra, abrindo novas possibilidades para os leitores e aumentando o seu alcance para diferentes públicos. Ao traduzir o presente texto, percebi que o tradutor possui a liberdade de adotar diferentes abordagens de tradução, dependendo do contexto e das nuances do texto. Enquanto em alguns trechos uma tradução pode ser apropriada, em outros momentos, pode ser mais adequado fazer adaptações que se encaixem melhor com o contexto e que transmitam de forma mais eficaz o significado, mantendo o equilíbrio entre fidelidade ao texto original e a adaptação à língua de chegada.

Com relação à tradução para crianças, é essencial reconhecer que elas são capazes de compreender e assimilar conceitos mais complexos do que às vezes presumimos. É um erro subestimar a capacidade das crianças de compreender e apreciar texto com nuances, humor, ironias e desafios linguísticos. Ao traduzir para o público infantil, o tradutor tem o poder de abrir portas para uma nova cultura, ampliar horizontes e despertar o amor pela leitura. Portanto, o tradutor deve encontrar soluções criativas para preservar o estilo do texto original, ao mesmo tempo em que torna a leitura agradável e compreensível para as crianças.

Por fim, é fundamental ressaltar a importância deste trabalho para a minha formação como tradutora. Ao realizar este trabalho, tive a oportunidade de colocar em prática e aprimorar os conhecimentos adquiridos ao longo do curso, podendo também aprofundar minha compreensão sobre os desafios e complexidades da tradução, enfrentando situações reais de tomada de decisões e resoluções de problemas. Tenho convicção que esta experiência representa um passo importante na minha jornada como tradutora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERMAN, Antoine. **A Retradução Como Espaço da Tradução**. Tradução de Clarissa Prado Marini e Marie-Hélène Catherine Torres. In: Cadernos de Tradução. v. 37, n. 2. Florianópolis, 2017.

BRITTO, Paulo Henriques. **A Tradução Literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012

CNRTL. Disponível em: <https://www.cnrtl.fr/definition/>

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

DEEPL. Disponível em: <https://www.deepl.com/pt-BR/translator>

GOSCINNY, René; SEMPÉ, Jean-Jacques. **Le Petit Nicolas**. Paris: Denoël, 1960

LAROUSSE. Disponível em: <https://www.larousse.fr/>

LATHEY, Gillian. **The Translation of Children's Literature: A Reader**, 2006

Les auteurs : le duo Goscinny Sempé. Disponível em: <https://www.petitnicolas.com/bios>

Acesso em: 05 de janeiro de 2023.

Le Petit Nicolas, histoire d'un succès. Disponível em: < <https://www.petitnicolas.com/historique> > Acesso em: 05 de janeiro de 2023.

LIMA, Lia Araujo Miranda de. **Traduções para a primeira infância: O livro ilustrado traduzido no Brasil**. Brasília: Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, 2015, 196 f. Dissertação de Mestrado em Estudos da Tradução.

OITTINEN, Riitta. **Translating for Children**. New York: Garland Publishing, Inc, 2000.

WILLIAMS, Jenny; CHESTERMAN, Andrew. **The Map: a beginner's guide to doing research in Translation Studies**. Manchester: St. Jerome Publishing, 2002.

TEXTO TRADUZIDO

| Texto de partida | Texto de chegada |
|---|---|
| <p style="text-align: center;">Le Bouillon</p> <p>Aujourd’hui, à l’école, la maîtresse a manqué. Nous étions dans la cour, en rangs, pour entrer en classe, quand le surveillant nous a dit : « Votre maîtresse est malade, aujourd’hui. »</p> <p>Et puis, monsieur Dubon, le surveillant, nous a conduits en classe. Le surveillant, on l’appelle le Bouillon, quand il n’est pas là, bien sûr. On l’appelle comme ça, parce qu’il dit tout le temps : « Regardez-moi dans les yeux », et dans le bouillon il y a des yeux. Moi non plus je n’avais pas compris tout de suite, c’est des grands qui me l’ont expliqué. Le Bouillon a une grosse moustache et il punit souvent, avec lui, il ne faut pas rigoler. C’est pour ça qu’on était embêtés qu’il vienne nous surveiller, mais, heureusement, en arrivant en classe, il nous a dit : « Je ne peux pas rester avec vous, je dois travailler avec monsieur le Directeur, alors, regardez-moi dans les yeux et promettez-moi d’être sages. » Tous nos tas d’yeux ont regardé dans les siens et on a promis. D’ailleurs, nous sommes toujours assez sages.</p> <p>Mais il avait l’air de se méfier, le Bouillon, alors, il a demandé qui était le meilleur élève de la classe. « C’est moi monsieur! » a dit Agnan, tout fier. Et c’est vrai, Agnan c’est le premier de la classe, c’est aussi le chouchou de la maîtresse et nous on ne l’aime pas trop, mais on ne peut pas lui taper dessus aussi souvent qu’on le voudrait, à cause de ses lunettes. « Bon, a dit le Bouillon, tu vas venir t’asseoir à la place de la maîtresse et tu surveilleras tes camarades. Je reviendrai de temps en temps voir comment les choses se passent. Révises vos leçons. » Agnan, tout content, est allé s’asseoir au bureau de la maîtresse et le Bouillon est parti.</p> <p>« Bien, a dit Agnan, nous devons avoir arithmétique, prenez vos cahiers, nous allons faire un problème. - T’es pas un peu fou ? » a demandé Clotaire. « Clotaire, taissez-vous! » a crié Agnan, qui avait vraiment l’air de se prendre pour la maîtresse. « Viens me le dire ici, si t’es un homme ! » a dit Clotaire et la porte de la classe s’est ouverte et on a vu entrer le Bouillon tout content. « Ah! il a dit. J’étais resté derrière la porte pour écouter. VOUS, là-bas, regardez-moi dans les yeux ! » Clotaire a regardé, mais ce qu’il a vu n’a pas eu l’air de lui faire tellement plaisir. « Vous allez me conjuguer le verbe : je ne dois pas être grossier envers un camarade qui est</p> | <p style="text-align: center;">O Bolhão</p> <p>Hoje, na escola, a professora faltou. Nós estávamos no pátio, em fila, para entrarmos na sala de aula, quando o supervisor nos disse: “A professora de vocês está doente, hoje”.</p> <p>E, em seguida, o senhor Dubon, o supervisor, nos levou para a sala de aula. Nós chamamos o supervisor de Bolhão, apenas quando ele não está presente, é claro. Nós o chamamos assim porque ele sempre diz: “Olhe bem nos meus olhos”, e na sopa tem olhos. Eu também não tinha entendido imediatamente, foram os mais velhos que me explicaram. O Bolhão tem um bigode grande e costuma dar punições com frequência, com ele não se pode brincar. Por isso, ficamos incomodados por ele nos vigiar, mas, felizmente, chegando na sala de aula, ele nos disse: “Eu não posso ficar aqui com vocês, eu tenho que trabalhar com o diretor, então, olhem bem nos meus olhos e me prometam que vocês vão se comportar”. Todos os nossos olhos se cruzaram com os dele e prometemos. Aliás, sempre nos comportamos bem.</p> <p>Mas ele parecia desconfiado, então, perguntou quem era o melhor aluno da sala.</p> <p>“Sou eu, senhor!” respondeu o Agnan, todo orgulhoso. E é verdade, o Agnan é o melhor aluno da turma. E também é o queridinho da professora e não gostamos muito dele, mas não podemos bater nele com tanta frequência como gostaríamos por causa dos seus óculos.</p> <p>“Bem”, disse o Bolhão, “você vai sentar no lugar da professora e vai vigiar os seus colegas. Voltarei de vez em quando para ver como estão as coisas. Revisem suas atividades”. O Agnan, todo contente, foi se sentar no lugar da professora e o Bolhão saiu.</p> <p>“Bem”, disse o Agnan, “nós devíamos estudar aritmética, peguem os seus cadernos, nós vamos resolver um problema”.</p> <p>“Você está louco?” perguntou o Clotário. “Cala a boca, Clotário!” gritou o Agnan, que parecia realmente fingir ser a professora. “Vem me dizer aqui, se você é homem!” disse o Clotário, e a porta da sala se abriu e vimos o Bolhão entrar todo contente. “Ah!” ele disse. “Eu fiquei atrás da porta</p> |

chargé de me surveiller et qui veut me faire des problèmes d'arithmétique. » Après avoir dit ça, le Bouillon est sorti, mais il nous a promis qu'il reviendrait.

Joachim s'est proposé pour guetter le surveillant à la porte, on a été tous d'accord, sauf Agnan qui criait : « Joachim, à votre place ! » Joachim a tiré la langue à Agnan, il s'est assis devant la porte et il s'est mis à regarder par le trou de la serrure « Il n'y a personne, Joachim ? » a demandé Clotaire. Joachim a répondu qu'il ne voyait rien. Alors, Clotaire s'est levé et il a dit qu'il allait faire manger son livre d'arithmétique à Agnan, ce qui était vraiment une drôle d'idée, mais ça n'a pas plu à Agnan qui a crié : « Non ! J'ai des lunettes ! » « Tu vas les manger aussi ! » a dit Clotaire, qui voulait absolument qu'Agnan mange quelque chose. Mais Geoffroy a dit qu'il ne fallait pas perdre de temps avec des bêtises, qu'on ferait mieux de jouer à la balle. «

Et les problèmes, alors ? » a demandé Agnan, qui n'avait pas l'air content, mais nous, on n'as pas fait attention et on a commencé à se faire des passes et c'est drôlement chouette de jouer entre les bancs. Quand je serai grand, je m'achèterai une classe, rien que pour jouer dedans. Et puis, on a entendu un cri et on a vu Joachim assis par terre et qui se tenait le nez avec les mains. C'était le Bouillon qui venait d'ouvrir la porte et Joachim n'avait pas dû le voir venir. « Qu'est-ce que tu as ? » a demandé le Bouillon tout étonné, mais Joachim n'a pas répondu, il faisait ouille, ouille, et c'est tout, alors, le Bouillon l'a pris dans ses bras et l'a emmené dehors. Nous, on a ramassé la balle et on est retournés à nos places. Quand le Bouillon est revenu avec Joachim qui avait le nez tout gonflé il nous a dit qu'il commençait à en avoir assez et que si ça continuait on verrait ce qu'on verrait. « Pourquoi ne prenez-vous pas exemple sur votre camarade Agnan ? il a demandé, il est sage, lui » Et le Bouillon est parti. On a demandé à Joachim ce qu'il lui était arrivé et il nous a répondu qu'il s'était endormi à force de regarder par le trou de la serrure.

« Un fermier va à la foire, a dit Agnan, dans un panier, il a vingt-huit œufs à cinq cents francs la douzaine. C'est de ta faute, le coup du nez », a dit Joachim « Ouais ! a dit Clotaire, on va lui faire manger son livre d'arithmétique, avec le fermier, les œufs et les lunettes ! » Agnan, alors, s'est mis à pleurer. Il nous a dit que nous étions des méchants et qu'il le dirait à ses parents et qu'ils nous feraient tous renvoyer et le Bouillon a ouvert la porte. On était tous assis à nos places et on ne disait

para escutar. Você aí, olhe bem nos meus olhos!” O

Clotário olhou, mas o que ele viu não pareceu lhe agradar muito. “Você vai conjugar o verbo: eu não devo ser mal-educado com um colega que está encarregado de vigiar a sala e que quer resolver problemas de aritmética”. Depois de ter dito isso, o Bolhão saiu, mas ele nos prometeu que voltaria.

O Joaquim se ofereceu para vigiar o supervisor na porta, todos estávamos de acordo, exceto o Agnan que gritou: “Joaquim, no seu lugar!” Joaquim deu língua para o Agnan, sentou-se em frente à porta e começou a olhar pelo buraco da fechadura “Não tem ninguém, Joaquim?” perguntou o Clotário. O Joaquim respondeu que não via ninguém. Então, o Clotário se levantou e disse que faria o Agnan comer o seu livro de aritmética, o que foi realmente uma ideia engraçada, mas o Agnan não gostou e gritou: “Não! Eu uso óculos!”

“Você também vai comê-los!” disse o Clotário, que queria mesmo que o Agnan comesse alguma coisa. Mas o Godofredo disse que não deveríamos perder tempo com besteiras, que era melhor jogarmos bola.

“E os problemas?” perguntou o Agnan, que não parecia estar contente, mas não prestamos atenção e começamos a passar a bola um para o outro, é muito divertido jogar entre as mesas. Quando eu crescer, vou comprar uma sala de aula só para brincar.

Em seguida, ouvimos um grito e vimos o Joaquim sentado no chão, segurando o nariz com as mãos.

Era o Bolhão que tinha acabado de abrir a porta e o

Joaquim não percebeu ele chegar. “O que você tem?” perguntou o Bolhão, todo espantado, mas o Joaquim não respondeu, ele falava ui,ui, e era só, então, o Bolhão o levantou pelo braço e o levou para fora. Nós pegamos a bola e voltamos para os nossos lugares. Quando o Bolhão voltou com o Joaquim, que estava com o nariz completamente inchado, ele nos disse que estava ficando farto e que, se aquilo continuasse, nós veríamos o que ia acontecer. “Por que vocês não seguem o exemplo do seu colega Agnan?” ele perguntou. Ele é esperto” e o Bolhão saiu. Perguntamos ao Joaquim o que havia acontecido com ele e ele respondeu que havia adormecido de tanto olhar pelo buraco da fechadura.

“Um agricultor vai à feira, disse o Agnan, em uma cesta, ele tem vinte e oito ovos que custam quinhentos francos a dúzia”. “É culpa sua que eu machuquei o nariz” disse o Joaquim “Claro!” disse

rien et le Bouillon a regardé Agnan qui pleurait tout seul assis au bureau de la maîtresse. « Alors quoi, il a dit le Bouillon, c'est vous qui vous dissipez, maintenant ? Vous allez me rendre fou ! Chaque fois que je viens, il y en a un autre qui fait le pitre ! Regardez-moi bien dans les yeux, tous ! Si je reviens encore une fois et que je vois quelque chose d'anormal, je sévirai ! » et il eqst parti de nouveau. Nous, on s'est dit que ce n'était plus le moment de faire les guignols, parce que le surveillant, quand il n'est pas content, il donne de drôles de punitions. On ne se bougeait pas, on entendait seulement renifler Agnan et mâcher Alceste, un copain qui mange tout le temps. Et puis, on a entendu un petit bruit du côté de la porte. On a vu le bouton de porte qui tournait très doucement et puis la porte a commencé à s'ouvrir petit à petit, en grinçant. Tous, on regardait et on ne respirait pas souvent, même Alceste s'est arrêté de mâcher. Et, tout d'un coup, il y en a un qui a crié : « C'est le Bouillon ! » La porte s'est ouverte et le Bouillon est entré, tout rouge. « Qui a dit ça ? » il a demandé. « C'est Nicolas ! » a dit Agnan. « C'est pas vrai, sale menteur ! » et c'était vrai que c'était pas vrai, celui qui avait dit ça, c'était Rufus. « C'est toi ! C'est toi ! C'est toi ! » a crié Agnan et il s'est mis à pleurer. « Tu seras en retenue ! » m'a dit le Bouillon.

Alors je me suis mis à pleurer, j'ai dit que ce n'était pas juste et que je quitterais l'école et qu'on me regretterait bien. « C'est pas lui, m'sieu, c'est Agnan qui a dit le Bouillon ! » a crié Rufus. « Ce n'est pas moi qui ai dit le Bouillon ! » a crié Agnan. « Tu as dit le Bouillon, je t'ai entendu dire le Bouillon, parfaitement, le Bouillon ! » « Bon, ça va comme ça, a dit le Bouillon, vous serez tous en retenue ! » « Pourquoi moi ? a demandé Alceste. Je n'ai pas dit le Bouillon, moi ! » « Je ne veux plus entendre ce sobriquet ridicule, vous avez compris ? » a crié le Bouillon, qui avait l'air drôlement énervé. « Je ne viendrai pas en retenue ! » a crié Agnan et il s'est roulé par terre en pleurant et il avait des hoquets et il est devenu tout rouge et puis tout bleu. En classe, à peu près tout le monde criait ou pleurait, j'ai cru que le Bouillon allait s'y mettre aussi, quand le Directeur est entré. « Que se passe-t-il, le Bouil... Monsieur Dubon ? » il a demandé, le Directeur. « Je ne sais plus, monsieur le Directeur, a répondu le Bouillon, il y en a un qui se roule par terre, un autre qui saigne du nez quand j'ouvre la porte, le reste qui hurle, je n'ai jamais vu ça ! Jamais ! » et le Bouillon se passait la main dans les cheveux et sa moustache bougeait dans tous les sens.

Le lendemain, la maîtresse est revenue, mais le Bouillon

o Clotário, “vamos fazer ele comer o seu livro de aritmética, com o agricultor, os ovos e os óculos!” Então o Agnan começou a chorar. Ele disse que nós éramos malvados e que ia contar para os pais dele e eles nos expulsariam, e o Bolhão abriu a porta.

Estávamos todos sentados nos nossos lugares e ninguém falava nada, o Bolhão olhou para o Agnan, que estava chorando sentado sozinho na cadeira da professora. “E então, disse o Bolhão, é você quem está fazendo bagunça agora? Vocês vão me deixar louco! Toda vez que eu venho aqui, um de vocês está bancando o palhaço! Olhem bem nos meus olhos, todos vocês! Se eu voltar mais uma vez e perceber algo fora do normal, eu vou punir vocês!”, e ele saiu de novo. Decidimos que era melhor parar de fazer gracinhas, porque quando o supervisor fica bravo, ele dá castigos terríveis. Ninguém se mexia, a gente só ouvia o Agnan fungar e o Alceste mastigar, que é um colega que come o tempo todo. Logo após, ouvimos um barulhinho vindo da porta.

Vimos a maçaneta da porta girando bem devagarinho e, em seguida, a porta começou a abrir pouco a pouco e rangendo. Estávamos todos olhando sem respirar muito, até o Alceste parou de mastigar. E, de repente, alguém gritou: “é o Bolhão!” A porta abriu e o Bolhão entrou, todo vermelho. “Quem disse isso?” ele perguntou. “Foi o Nicolau!” disse o Agnan. “Isso não é verdade, mentiroso nojento!” E era verdade que não era verdade, o Rufus era quem tinha dito. “Foi você! Foi você! Foi você!” gritou o Agnan e começou a chorar. “Você vai ficar de castigo depois da aula!” me disse o Bolhão.

Então, eu comecei a chorar, falei que isso não era justo, que eu ia sair da escola e que eles iam sentir a minha falta.

“Não foi ele, senhor! Foi o Agnan que te chamou de Bolhão.” gritou o Rufus.

“Não fui eu que chamei de Bolhão!” gritou o Agnan.

“Você disse Bolhão sim, eu escutei muito bem você dizendo, o Bolhão!”

“Bom, que tal assim, disse o Bolhão, todos vocês vão ficar de castigo!”

“Por que eu?” perguntou o Alceste. Eu não falei Bolhão!”

“Eu não quero mais ouvir esse apelido ridículo, vocês me entenderam?” gritou o Bolhão, que parecia realmente estar nervoso. “Eu não vou ficar

| | |
|--|---|
| <p>a manqué.</p> | <p>de castigo!” gritou o Agnan, que começou a rolar no chão chorando e soluçando, e ficou todo vermelho e depois todo azul. Na sala de aula, quase todo mundo estava gritando ou chorando, eu pensei que o Bolhão fosse fazer a mesma coisa, quando o diretor entrou.</p> <p>“O que está acontecendo, Bolh... senhor Dubon?” perguntou o diretor. “Eu já não sei mais, senhor diretor, respondeu o Bolhão, um rola pelo chão, outro sangra pelo nariz quando eu abro a porta, e os outros ficam gritando, eu nunca vi algo assim! Nunca!” e o Bolhão passava a mão nos cabelos e o seu bigode se mexia para todos os lados.</p> <p>No dia seguinte, a professora voltou, mas o Bolhão faltou.</p> |
| <p style="text-align: center;">Djodjo</p> <p>Nous avons eu un nouveau, en classe. L’après-midi, la maîtresse est arrivée avec un petit garçon qui avait des cheveux tout rouges, des taches de rousseur et des yeux bleus comme la bille que j’ai perdue hier à la récréation, mais Maixent a triché. « Mes enfants, a dit la maîtresse, je vous présente un nouveau petit camarade. Il est étranger et ses parents l’ont mis dans cette école pour qu’il apprenne à parler français. Je compte sur vous pour m’aider et être très gentils avec lui. » Et puis la maîtresse s’est tournée vers le nouveau et elle lui a dit « Dis ton nom à tes petits camarades. » Le nouveau n’a pas compris ce que lui demandait la maîtresse, il a souri et nous avons vu qu’il avait des tas de dents terribles. «Le veinard, a dit Alceste, un copain gros, qui mange tout le temps, avec des dents comme ça. il doit mordre des drôles de morceaux! » Comme le nouveau ne disait rien, la maîtresse nous a dit qu’il s’appelait Georges Mac Intosh. «Yes, a dit le nouveau, Dgeorges. — Pardon, mademoiselle, a demandé Maixent, il s’appelle Georges ou Dgeorges? » La maîtresse nous a expliqué qu’il s’appelait Georges, mais que dans sa langue, ça se prononçait Dgeorges. «Bon, a dit Maixent, on l’appellera Jojo. — Non, a dit Joachim, il faut prononcer Djodjo. — Tais-toi, Djoachim », a dit Maixent et la maîtresse les a mis tous les deux au piquet.</p> <p>La maîtresse a fait asseoir Djodjo à côté d’Agnan. Agnan avait l’air de se méfier du</p> | <p style="text-align: center;">Djodjo</p> <p>Tivemos um aluno novo na sala. À tarde, a professora chegou com um menininho que tinha os cabelos completamente ruivos, sardas e olhos azuis como a bolinha de gude que eu perdi ontem no recreio, mas o Maximiliano me enganou. “Meninos, disse a professora, eu apresento a vocês um novo amiguinho. Ele é estrangeiro e os seus pais o colocaram nessa escola para que ele possa aprender a falar português. Conto com a ajuda de vocês e sejam bastante gentis com ele”. E então, a professora virou-se para o novato e disse “Diga seu nome aos seus colegas”. O novato não entendeu o que a professora havia pedido, ele sorriu e vimos que tinha dentes horríveis. “Que sortudo, disse o Alceste, um amigo gordo que come toda hora, com dentes assim, ele deve morder pedaços enormes!” Como o novato não disse nada, a professora nos disse que ele se chamava Georges Mac Intosh.</p> <p>“Yes”, disse o novato, Dgeorges.</p> <p>“Desculpa, professora”, perguntou o Maximiliano, “ele se chama Georges ou Dgeorges?” A professora nos explicou que ele se chamava Georges, mas que no seu idioma se pronunciava Dgeorges.</p> <p>“Bem”, disse o Maximiliano, “vamos chamá-lo de Jojo”.</p> <p>“Não”, disse o Joaquim, “deve-se pronunciar Djodjo”.</p> <p>“Cala a boca, Djoaquim”, disse o Maximiliano e a professora colocou os dois de castigo.</p> <p>A professora mandou Djodjo se sentar ao lado do Agnan. O Agnan estava desconfiado do novato, como ele era o melhor aluno da turma e o</p> |

nouveau, comme il est le premier de la classe et le chouchou de la maîtresse, il a toujours peur des nouveaux, qui peuvent devenir premiers et chouchous. Avec nous, Agnan sait qu'il est tranquille.

Djodjo s'est assis, toujours en faisant son sourire plein de dents. «C'est dommage que personne ne parle sa langue », a dit la maîtresse. « Moi je possède quelques rudiments d'anglais », a dit Agnan, qui, il faut le dire, parle bien. Mais après qu'Agnan eut sorti ses rudiments à Djodjo, Djodjo l'a regardé et puis il s'est mis à rire et il s'est tapé le front avec le doigt. Agnan était très vexé, mais Djodjo avait raison.

Après, on a su qu'Agnan lui avait raconté des choses sur son tailleur qui était riche et sur le jardin de son oncle qui était plus grand que le chapeau de sa tante. Il est fou, Agnan! La récréation a sonné et nous sommes sortis, tous, sauf Joachim, Maixent et Clotaire, qui étaient punis. Clotaire est le dernier de la classe et il ne savait pas sa leçon. Quand Clotaire est interrogé, il n'a jamais de récréation. Dans la cour, on s'est mis tous autour de Djodjo. On lui a posé beaucoup de questions, mais lui, tout ce qu'il faisait, c'était nous montrer des tas de dents. Et puis, il s'est mis à parler, mais on n'a rien compris, ça faisait « oinshouinshouin » et c'est tout. « Ce qu'il y a, a dit Geoffroy qui va beaucoup au cinéma, c'est qu'il parle en version originale. Il lui faudrait des sous-titres. — Je pourrais peut-être traduire », a dit Agnan qui voulait essayer ses rudiments encore un coup. «Bah, a dit Rufus, toi, tu es un dingue! » Ça, ça lui a plu,

au nouveau, il a montré Agnan du doigt et il a dit : «Aoh! Dinguedinguedingue! » Il était tout content. Agnan, lui, il est parti en pleurant, il pleure tout le temps, Agnan. Nous, on a commencé à le trouver drôlement chouette, Djodjo, et moi, je lui ai donné un bout de mon morceau de chocolat de la récréation. « Qu'est-ce qu'on fait comme sport dans ton pays? » a demandé Eudes. Djodjo, bien sûr, n'a pas compris, il continuait à dire « dingue-dingue dingue », mais Geoffroy a répondu « En voilà une question, ils jouent au tennis, chez eux! —Espèce de guignol, a crié Eudes, je ne te parle pas, à toi! — Espèce guignol!

queridinho da professora, sempre tem medo dos recém-chegados, porque podem tomar seu lugar de primeiro e preferido. Com relação a nós, o Agnan sabe que não precisa se preocupar.

O Djodjo sentou-se, sempre com o seu enorme sorriso. “É uma pena que ninguém fale o seu idioma”, disse a professora.

“Eu tenho algumas noções básicas de inglês”, disse o Agnan, que, temos que concordar, fala bem. Mas depois de Agnan ter mostrado seus rudimentos a Djodjo, Djodjo olhou para ele e depois começou a rir e bateu com a mão na testa. O Agnan ficou muito aborrecido, mas o Djodjo tinha razão.

Depois, a gente descobriu que o Agnan tinha contado para ele coisas sobre o seu alfaiate que era rico e sobre o jardim do seu tio que era maior que o chapéu da sua tia. O Agnan é louco!

O sinal para o recreio tocou e todos saímos, exceto o Joaquim, o Maximiliano e o Clotário, que ficaram de castigo. O Clotário é o último da turma e não sabia a lição. Quando o Clotário é questionado, ele sempre fica sem recreio.

No pátio, nos reunimos em volta do Djodjo. Fizemos-lhe muitas perguntas, mas tudo o que ele fazia era nos mostrar um monte de dentes. E depois começou a falar, mas não entendemos nada, soava como “shuenshuenshuen” e só. O Godofredo que vai muito ao cinema disse “o que acontece é que ele fala na versão original e seria preciso legendas.

“Talvez eu pudesse traduzir” disse o Agnan que queria testar os seus conhecimentos outra vez. “Ora, disse o Rufus, você é um louco!” O novato gostou disso, ele apontou para o Agnan e disse: “Aoh! Loucoloucolouco!” Ele estava todo contente. O Agnan saiu chorando, ele chora o tempo todo. Começamos a achar o Djodjo muito simpático, e eu lhe dei um pedaço do meu chocolate do recreio.

“Que tipo de esporte se pratica no seu país?” perguntou o Eudes.

Claro que o Djodjo não entendeu, ele continuou dizendo “louco, louco, louco”, mas o Godofredo respondeu “Mas que pergunta, lá eles jogam tênis!” “Seu ridículo”, gritou o Eudes, eu não estou falando com você!

“Ridículo! Loucolouco!” gritou o novato que parecia estar se divertindo muito com a gente. Mas o Godofredo não gostou da maneira que o Eudes o respondeu. “Quem é o ridículo?” ele perguntou, mas não devia porque o Eudes é muito forte e gosta

Dinguedingue! » a crié le nouveau qui avait l'air de beaucoup s'amuser avec nous. Mais Geoffroy n'avait pas aimé la façon dont lui avait répondu Eudes. « Qui est un guignol? » il a demandé et il a eu tort parce que Eudes est très fort et il aime bien donner des coups de poing sur les nez et ça n'a pas raté pour celui de Geoffroy. Quand il a vu le coup de poing, Djodjo s'est arrêté de dire « dinguedingue » et « espèce guignol ». Il a regardé Eudes et il a dit : « boxing? très bon! » Et il a mis ses poings devant sa figure et il a commencé à danser tout autour d'Eudes comme les boxeurs à la télévision chez Clotaire, parce que nous on n'en a pas encore et moi je voudrais bien que papa en achète une. « Qu'est-ce qui lui prend? » a demandé Eudes. « Il veut faire de la boxe avec toi, gros malin! » a répondu Geoffroy qui se frottait le nez. Eudes a dit « bon » et il a essayé de boxer avec Djodjo. Mais Djodjo se débrouillait drôlement mieux qu'Eudes. Il lui donnait tout un tas de coups et Eudes commençait à se fâcher : « S'il ne laisse pas son nez en place, comment voulez-vous que je me batte? » il a crié et bing! Djodjo a donné un coup de poing à Eudes qui l'a fait tomber assis. Eudes n'était pas fâché. « T'es costaud! » il a dit en se relevant. « Costaud, dingue, espèce guignol! » a répondu le nouveau, qui apprend drôlement vite. La récréation s'est terminée, et, comme d'habitude, Alceste s'est plaint qu'on ne lui laissait pas le temps de terminer les quatre petits pains pleins de beurre qu'il apporte de chez lui.

En classe, quand nous sommes entrés, la maîtresse a demandé à Djodjo s'il s'était bien amusé, alors, Agnan s'est levé et il a dit : « Mademoiselle, ils lui apprennent des gros mots! — C'est pas vrai, sale menteur! » a crié Clotaire, qui n'était pas sorti en récréation.

« Dingue, espèce guignol, sale menteur », a dit Djodjo tout fier.

Nous, on ne disait rien, parce qu'on voyait que la maîtresse n'était pas contente du tout.

« Vous devriez avoir honte, elle a dit, de profiter d'un camarade qui ignore votre langue! Je vous avais demandé pourtant d'être gentils, mais on ne peut pas vous faire confiance! Vous vous êtes conduits comme des petits sauvages, des mal

de dar socos no nariz, e não foi diferente com o Godofredo. Quando o Djodjo viu o soco ele parou de falar “loucolouco” e “ridículo”. Ele olhou para o Eudes e disse: “Boxe? Muito bom!” E ele pôs os punhos na frente da cara e começou a dançar em volta do Eudes, como os boxeadores da televisão da casa do Clotário, porque ainda não temos uma televisão e eu queria muito que o papai comprasse uma.

“O que há de errado com ele?” perguntou o Eudes. “Ele quer lutar boxe com você, gênio!” respondeu o Godofredo que esfregava o nariz. O Eudes disse “Ok” e tentou lutar boxe com o Djodjo. Mas o Djodjo era muito melhor que o Eudes. Ele lhe deu um monte de socos e o Eudes começou a ficar zangado: “Ele não para o nariz no lugar, como vocês querem que eu lute?” ele gritou e puff! O Djodjo lhe deu um soco que fez o Eudes cair sentado. Eudes não estava zangado. “Você é forte!” ele disse se levantando.

“Grandalhão, louco, ridículo!” respondeu o novato, que aprende surpreendentemente rápido. O recreio acabou, e como sempre, o Alceste reclamou que não lhe dão tempo suficiente para terminar de comer seus quatro pãezinhos cheios de manteiga que ele trouxe de casa.

Na sala, quando entramos, a professora perguntou para o Djodjo se ele se divertiu, então, o Agnan se levantou e disse: “Professora, eles ensinaram palavras para ele!”

“Isso não é verdade, mentiroso nojento!” gritou o Clotário, que não tinha saído para o recreio.

“Louco, ridículo, mentiroso nojento”, disse o Djodjo todo orgulhoso. Nós não dissemos nada porque percebemos que a professora não estava nada contente. “Vocês deveriam ter vergonha, ela disse, por se aproveitar de um colega que não entende o seu idioma! Eu pedi para que vocês fossem gentis, mas não se pode confiar! Vocês se comportaram como pequenos selvagens, malcriados!”

“Louco, ridículo, mentiroso nojento, selvagem, malcriado” disse o Djodjo, que parecia cada vez mais contente de aprender tantas coisas. A professora olhou para ele com os olhos arregalados. “Mas...mas, ela disse, Georges, não se deve dizer coisas como essas!”

“Você viu, professora? O que eu te disse?” disse o Agnan. “Se você não quiser ficar de castigo, Agnan,

| | |
|--|--|
| <p>élevés! — Dingue, espèce guignol, sale menteur, sauvage, mal élevé », a dit Djodjo, qui avait l'air de plus en plus content d'apprendre tant de choses.</p> <p>La maîtresse l'a regardé avec des yeux tout ronds. « Mais... mais, elle a dit, Georges, il ne faut pas dire des choses comme ça! — Vous avez vu, mademoiselle? Qu'est-ce que je vous disais? » a dit Agnan. « Si tu ne veux pas rester en retenue, Agnan, a crié la maîtresse, je te prierai de garder tes réflexions pour toi! » Agnan s'est mis à pleurer. « Vilain cafard! » a crié quelqu'un, mais la maîtresse n'a pas su qui c'était, sinon, j'aurais été puni, alors, Agnan s'est roulé par terre en criant que personne ne l'aimait, que c'était affreux et qu'il allait mourir, et la maîtresse a dû sortir avec lui pour lui passer de l'eau sur la figure et le calmer.</p> <p>Quand la maîtresse est revenue, avec Agnan, elle avait l'air fatiguée, mais heureusement, la cloche a sonné la fin de la classe. Avant de partir, la maîtresse a regardé le nouveau et lui a dit : « Je me demande ce que tes parents vont penser. — Vilain cafard », a répondu Djodjo en lui donnant la main.</p> <p>La maîtresse avait tort de s'inquiéter, parce que les parents de Djodjo ont dû penser qu'il avait appris tout le français dont il avait besoin. La preuve, c'est que Djodjo n'est plus revenu à l'école.</p> | <p>por favor, garde os seus pensamentos para você!” gritou a professora o Agnan começou a chorar. “Dedo-duro!” alguém gritou, mas a professora não sabia quem era, caso contrário, eu teria sido castigado, então, o Agnan começou a rolar pelo chão gritando que ninguém o amava, que era horrível e que ele ia morrer e a professora teve que sair com ele para jogar uma água no rosto e acalmá-lo. Quando a professora voltou com o Agnan, parecia estar cansada, mas felizmente o sinal do final da aula tocou. Antes de sair a professora olhou para o novato e disse: “Eu me pergunto o que os seus pais vão pensar.”</p> <p>“Dedo-duro” respondeu Djodjo dando-lhe a mão. A professora estava errada em se preocupar, porque os pais de Djodjo devem ter pensado que ele tinha aprendido todo o necessário. A prova é que Djodjo não voltou mais à escola.</p> |
| <p style="text-align: center;">Le chouette bouquet</p> <p>C'est l'anniversaire de ma maman et j'ai décidé de lui acheter un cadeau comme toutes les années depuis l'année dernière, parce qu'avant j'étais trop petit.</p> <p>J'ai pris les sous qu'il y avait dans ma tirelire et il y en avait beaucoup, heureusement, parce que, par hasard, maman m'a donné de l'argent hier. Je savais le cadeau que je ferais à maman : des fleurs pour mettre dans le grand vase bleu du salon, un bouquet terrible, gros comme tout.</p> <p>A l'école, j'étais drôlement impatient que la classe finisse pour pouvoir aller acheter mon cadeau. Pour ne pas perdre mes sous, j'avais ma main dans ma poche, tout le temps, même pour jouer au football à la récréation, mais, comme je ne joue pas gardien de but, ça n'avait pas d'importance. Le gardien de but c'était Alceste, un</p> | <p style="text-align: center;">O lindo buquê</p> <p>É aniversário da mamãe e eu decidi comprar um presente, como todos os anos, desde o ano passado, porque antes eu era pequeno demais. Tirei o dinheiro do meu cofrinho, e tinha muito, felizmente, porque, por sorte, a mamãe me deu dinheiro ontem. Eu sabia o presente que daria à mamãe: flores para colocar no grande vaso azul da sala, um buquê enorme, maior que tudo.</p> <p>Na escola, eu estava extremamente impaciente para que a aula acabasse para eu poder ir comprar o meu presente. Para evitar que eu perdesse o dinheiro, eu ficava o tempo todo com a mão dentro do bolso, até para jogar futebol na recreação, mas como eu não sou goleiro, não fazia diferença. O goleiro era o Alceste, um colega que é muito gordo e que gosta muito de comer. “O que é que você tem para estar correndo com uma mão só?” ele me perguntou. Quando eu expliquei para ele que era porque eu ia</p> |

copain qui est très gros et qui aime bien manger. « Qu'est-ce que tu as à courir avec une seule main? » il m'a demandé. Quand je lui ai expliqué que c'était parce que j'allais acheter des fleurs pour ma maman, il m'a dit que lui, il aurait préféré quelque chose à manger, un gâteau, des bonbons ou du boudin blanc, mais, comme le cadeau ce n'était pas pour lui, je n'ai pas fait attention et je lui ai mis un but. On a gagné par 44 à 32.

Quand nous sommes sortis de l'école, Alceste m'a accompagné chez le fleuriste en mangeant la moitié du petit pain au chocolat qui lui restait de la classe de grammaire. Nous sommes entrés dans le magasin, j'ai mis tous mes sous sur le comptoir et j'ai dit à la dame que je voulais un très gros bouquet de fleurs pour ma maman, mais pas des bégonias, parce qu'il y en a des tas dans notre jardin et ce n'est pas la peine d'aller en acheter ailleurs. « Nous voudrions quelque chose de bien », a dit Alceste et il est allé fourrer son nez dans les fleurs qui étaient dans la vitrine, pour voir si ça sentait bon. La dame a compté mes sous et elle m'a dit qu'elle ne pourrait pas me donner beaucoup, beaucoup de fleurs. Comme j'avais l'air très embêté, la dame m'a regardé, elle a réfléchi un peu, elle m'a dit que j'étais un mignon petit garçon, elle m'a donné des petites tapes sur la tête et puis elle m'a dit qu'elle allait arranger ça. La dame a choisi des fleurs à droite et à gauche et puis elle a mis des tas de feuilles vertes et ça, ça a plu à Alceste, parce qu'il disait que ces feuilles ressemblaient aux légumes qu'on met dans le pot-au-feu. Le bouquet était très chouette et très gros, la dame l'a enveloppé dans un papier transparent qui faisait du bruit et elle m'a dit de faire attention en le portant. Comme j'avais mon bouquet et qu'Alceste avait fini de sentir les fleurs, j'ai dit merci à la dame et nous sommes sortis. J'étais tout content avec mon bouquet, quand nous avons rencontré Geoffroy, Clotaire et Rufus, trois copains de l'école. « Regardez Nicolas, a dit Geoffroy, ce qu'il peut avoir l'air andouille avec ses fleurs! — Tu as de la veine que j'aie des fleurs, je lui ai dit, sinon, tu recevrais une gifle! Donne-les-moi, tes fleurs, m'a dit Alceste, je veux bien les tenir pendant

comprar flores para a mamãe, ele me disse que ele teria preferido alguma coisa de comer, um bolo, doces ou chouriço branco, mas como o presente não era para ele, não prestei atenção e fiz um gol nele.

Ganhamos de 44 a 32.

Quando saímos da escola, o Alceste me acompanhou até a floricultura comendo a metade de um croissant de chocolate dele que tinha sobrado da aula de gramática. Entramos na loja, coloquei todo o meu dinheiro no balcão e disse para a moça que eu queria um buquê de flores bem grande para a minha mãe, mas não queria begônias, porque há um monte delas no nosso jardim e não há necessidade de comprar em outro lugar. “Nós queremos alguma coisa bonita” disse o Alceste, e foi enfiar o nariz nas flores que estavam na vitrine para ver se cheiravam bem. A moça contou o meu dinheiro e me disse que não podia me dar muitas flores. Como eu parecia ter ficado muito chateado, a moça olhou para mim, pensou um pouco, me disse que eu era um rapazinho fofo, me deu uns tapinhas na cabeça e depois me disse que ela iria consertar isso. A moça escolheu diversas flores e depois ela colocou um monte de folhas verdes e isso agradou ao Alceste porque ele dizia que essas folhas se pareciam com os legumes que se põem no guisado. O buquê estava muito bonito e muito grande, a moça o embrulhou em um papel transparente que fazia barulho e me disse para carregar com cuidado. Como eu já tinha o meu buquê e o Alceste já tinha acabado de cheirar as flores, eu agradeci e saímos. Eu estava muito feliz com o meu buquê, quando encontramos o Godofredo, o Clotário e o Rufus, três colegas da escola. “Olha o Nicolau”, disse o Godofredo, “ele parece um idiota com essas flores!” “Você tem sorte que eu estou segurando as flores, eu disse para ele, caso contrário, você receberia uma bofetada!” “Me dá, as tuas flores”, me disse o Alceste, “eu seguro elas enquanto você bate no Godofredo”. Então eu dei o buquê para o Alceste e o Godofredo me deu uma bofetada. Brigamos e depois eu disse que já estava ficando tarde, por isso paramos. Mas eu tive que ficar um pouco mais, porque o Clotário disse “Olha o Alceste, agora ele que parece um idiota com as flores!” Então o Alceste bateu nele, com força, com o buquê. “Minhas flores!” eu gritei. “Você vai estragar as minhas flores!” Isso também é verdade! O Alceste deu um monte de golpes com o meu buquê e as

que tu gifles Geoffroy.» Alors, moi, j'ai donné le bouquet à Alceste et Geoffroy m'a donné une gifle. On s'est battus et puis j'ai dit qu'il se faisait tard, alors on s'est arrêtés. Mais j'ai dû rester encore un peu, parce que Clotaire a dit : « Regardez Alceste, maintenant c'est lui qui a l'air d'une andouille, avec les fleurs! » Alors, Alceste lui a donné un grand coup sur la tête, avec le bouquet.

« Mes fleurs! j'ai crié. Vous allez casser mes fleurs! » C'est vrai, aussi! Alceste, il donnait des tas de coups avec mon bouquet et les fleurs volaient de tous les côtés parce que le papier s'était déchiré et Clotaire criait « Ça ne me fait pas mal, ça ne me fait pas mal! »

Quand Alceste s'est arrêté, Clotaire avait la tête couverte par les feuilles vertes du bouquet et c'est vrai que ça ressemblait drôlement à un pot-au-feu. Moi, j'ai commencé à ramasser mes fleurs et je leur disais, à mes copains, qu'ils étaient méchants. « C'est vrai, a dit Rufus, c'est pas chouette ce que vous avez fait aux fleurs de Nicolas! — Toi, on ne t'a pas sonné! » a répondu Geoffroy et ils ont commencé à se donner des gifles. Alceste, lui, est parti de son côté, parce que la tête de Clotaire lui avait donné faim et il ne voulait pas être en retard pour le dîner.

Moi, je suis parti avec mes fleurs. Il en manquait, il n'y avait plus de légumes ni de papier, mais ça faisait encore un beau bouquet, et puis, plus loin, j'ai rencontré Eudes.

«Tu fais une partie de billes?» il m'a demandé, Eudes. «Je ne peux pas, je lui ai répondu, il faut que je rentre chez moi donner ces fleurs à ma maman. » Mais Eudes m'a dit qu'il était encore de bonne heure et puis moi, j'aime bien jouer aux billes, je joue très bien, je vise et bing! presque toujours, je gagne. Alors, j'ai rangé les fleurs sur le trottoir et j'ai commencé à jouer avec Eudes et c'est chouette de jouer aux billes avec Eudes, parce qu'il perd souvent. L'ennui, c'est que quand il perd il n'est pas content et il m'a dit que je trichais et moi je lui ai dit qu'il était un menteur, alors, il m'a poussé et je suis tombé assis sur le bouquet et ça ne leur a pas fait du bien aux fleurs. «Je le dirai à maman, ce que tu as fait à ses fleurs », je lui ai dit à Eudes et Eudes était bien

flores voaram para todos os lados porque o papel tinha rasgado e o Clotário gritava “não doeu nada, não doeu nada!”

Quando o Alceste parou, o Clotário tinha a cabeça coberta por folhas verdes do buquê e realmente parecia um guisado. Comecei a apanhar as flores e a dizer aos meus colegas que eles eram malvados. “É verdade, disse o Rufus, não é bonito o que vocês fizeram com as flores do Nicolau!”

“Ninguém te perguntou nada!” respondeu o Godofredo e eles começaram a se bater. O Alceste foi embora porque a cabeça do Clotário tinha dado fome nele e ele não queria chegar atrasado para o jantar.

Eu fui embora com as minhas flores. Faltavam algumas, não tinha mais legumes nem mais papel, mas ainda era um belo buquê, e depois, mais adiante, encontrei o Eudes. “Quer jogar uma partida de bolinha de gude?” ele me perguntou. “Não posso”, eu respondi, “tenho que voltar para casa para dar essas flores para a mamãe”. Mas o Eudes me disse que ainda estava cedo, e como eu gosto muito de jogar bolinha de gude, eu jogo muito bem, miro e acerto em cheio! Quase sempre, eu ganho. Então, coloquei as flores em um canto da calçada e comecei a jogar com o Eudes, e é muito bom jogar com o Eudes porque normalmente ele quase sempre perde. O problema é que quando ele perde, ele não fica nem um pouco contente, e ele me disse que eu estava trapaceando e eu respondi que ele era um mentiroso, então ele me empurrou e eu caí sentado em cima do buquê e isso não foi muito bom para as flores.

“Vou contar para a mamãe o que você fez com as flores dela”, eu disse para ele e ele ficou bastante chateado. Então ele me ajudou a separar as flores que estavam menos esmagadas. Eu gosto bastante do Eudes, ele é um bom amigo.

Voltei a caminhar, meu buquê não estava mais tão grande, mas as flores que restaram estavam boas. Uma flor estava um pouco esmagada, mas as outras duas estavam inteiras. Então eu vi o Joaquim chegar de bicicleta. O Joaquim é um colega da escola que tem uma bicicleta.

Decidi que não ia brigar porque se eu continuasse a brigar com todos os colegas que eu encontrasse na rua, em breve eu não teria mais flores para dar para a mamãe. E depois, afinal, meus colegas não têm nada a ver com isso, se eu quero dar flores para a

embêté. Alors, il m'a aidé à choisir les fleurs qui étaient les moins écrasées. Moi je l'aime bien
Eudes, c'est un bon copain.
Je me suis remis à marcher, mon bouquet, il n'était plus
bien gros, mais les fleurs qui
restaient, ça allait; une fleur était un peu écrasée, mais
les deux autres étaient très bien. Et
alors, j'ai vu arriver Joachim sur son vélo. Joachim,
c'est un copain d'école qui a un vélo.
Alors, là, j'ai bien décidé de ne pas me battre, parce que
si je continuais à me disputer avec
tous les copains que je rencontrais dans la rue, bientôt, il
ne me resterait plus de fleurs pour
donner à ma maman. Et puis, après tout, ça ne les
regarde pas les copains, si je veux offrir
des fleurs à ma maman, c'est mon droit et puis moi, je
crois qu'ils sont jaloux, tout
simplement, parce que ma maman va être très contente
et elle va me donner un bon dessert
et elle va dire que je suis très gentil et puis qu'est-ce
qu'ils ont tous à me taquiner?
« Salut, Nicolas! » il m'a dit, Joachim. « Qu'est ce qu'il
a mon bouquet? j'ai crié à Joachim.
Andouille toi-même! » Joachim a arrêté son vélo, il m'a
regardé avec des yeux tout ronds
et il m'a demandé : « Quel bouquet? — Celui-ci! » je lui
ai répondu et je lui ai envoyé les
fleurs à la figure. Je crois que Joachim ne s'attendait pas
à recevoir des fleurs sur la figure,
en tout cas, ça ne lui a pas plu du tout. Il a jeté les fleurs
dans la rue et elles sont tombées
sur le toit d'une auto qui passait et elles sont parties avec
l'auto. « Mes fleurs! j'ai crié. Les
fleurs de ma maman! — T'en fais pas, m'a dit Joachim,
je prends le vélo et je rattrape
l'auto! » Il est gentil, Joachim, mais il ne pédale pas
vite, surtout quand ça monte, et
pourtant, il s'entraîne pour le Tour de France qu'il fera
quand il sera grand. Joachim est
revenu en me disant qu'il n'avait pas pu rattraper l'auto,
qu'elle l'avait lâché dans un col.
Mais il me ramenait une fleur qui était tombée du toit de
l'auto. Pas de chance, c'était celle
qui était écrasée.
Joachim est parti très vite, ça descend pour aller chez
lui, et moi, je suis rentré à la maison,
avec ma fleur toute chiffonnée. J'avais comme un grosse
boule dans la gorge. Comme
quand je ramène mon Carnet de classe à la maison avec

mamãe, é um direito meu e eu acho que eles estão
com ciúmes, simplesmente, porque minha mamãe
vai ficar muito feliz, vai me dar uma ótima
sobremesa e vai dizer que eu sou muito gentil, e
depois, por que é que eles têm que me provocar?
“Oi, Nicolau!” me disse o Joaquim. “O que tem de
errado com o meu buquê?”, gritei com o Joaquim.
“Você que é um idiota!” O Joaquim parou a sua
bicicleta, me olhou com os olhos arregalados e
perguntou: “Que buquê?” “Esse aqui!”, eu respondi
e joguei as flores na cara dele. Acredito que o
Joaquim não esperava receber flores na sua cara, de
qualquer forma ele não gostou nem um pouco.
Jogou as flores na rua e elas caíram no teto de um
carro que passava e elas foram embora junto com o
carro. “Minhas flores!”, eu gritei. “As flores da
mamãe!” “Não se preocupe”, disse o Joaquim, “eu
pego a bicicleta e alcanço o carro!” O Joaquim é
gentil, mas ele não pedala tão rápido,
principalmente em subidas, ainda assim, ele está
treinando para o Tour de France, que ele fará
quando for grande. O Joaquim voltou me dizendo
que não conseguiu alcançar o carro, que o carro
tinha deixado ele para trás em uma subida. Mas ele
me trouxe uma flor que tinha caído de cima do
carro. Porém não tive sorte, foi justo a única que
estava esmagada. O Joaquim foi embora depressa,
basta descer para ir para a casa dele, e eu fui
embora para a minha casa com a minha flor toda
amassada. Parecia que eu tinha um enorme nó na
garganta, igual quando eu levo o meu boletim
escolar para casa cheio de zeros. Abri a porta e
disse para a mamãe “Feliz aniversário, mamãe”, e
comecei a chorar. Mamãe olhou para a flor, parecia
estar um pouco surpresa, e, em seguida, ela me
agarrou em seus braços, me beijou um monte de
vezes, disse que ela nunca tinha recebido um buquê
tão lindo e colocou a flor em um grande vaso azul
da sala. Podem falar o que quiserem, mas a minha
mamãe é maravilhosa!

des zéros dedans.

J'ai ouvert la porte et j'ai dit à maman «Joyeux anniversaire, maman» et je me suis mis à pleurer. Maman a regardé la fleur, elle avait l'air un peu étonnée, et puis, elle m'a pris dans ses bras, elle m'a embrassé des tas et des tas de fois, elle a dit qu'elle n'avait jamais reçu un aussi beau bouquet et elle a mis la fleur dans le grand vase bleu du salon.

Vous direz ce que vous voudrez, mais ma maman, elle est chouette!

Le vélo

Papa ne voulait pas m'acheter de vélo. Il disait toujours que les enfants sont très imprudents et qu'ils veulent faire des acrobaties et qu'ils cassent leurs vélos et qu'ils se font mal. Moi, je disais à papa que je serais prudent et puis je pleurais et puis je boudais et puis je disais que j'allais quitter la maison, et, enfin, papa a dit que j'aurais un vélo si j'étais parmi les dix premiers à la composition d'arithmétique.

C'est pour ça que j'étais tout content hier en rentrant de l'école, parce que j'étais dixième à la composition. Papa, quand il l'a su, il a ouvert des grands yeux et il a dit : «Ça alors, eh ben ça alors» et maman m'a embrassé et elle m'a dit que papa m'achèterait tout de suite un beau vélo et que c'était très bien d'avoir réussi ma composition d'arithmétique, il faut dire que j'ai eu de la chance, parce qu'on n'était que onze pour faire la composition, tous les autres copains avaient la grippe et le onzième c'était Clotaire qui est toujours le dernier mais lui ce n'est pas grave parce qu'il a déjà un vélo. Aujourd'hui, quand je suis arrivé à la maison, j'ai vu papa et maman qui m'attendaient dans le jardin avec des gros sourires sur la bouche.

«Nous avons une surprise pour notre grand garçon! » a dit maman et elle avait des yeux qui rigolaient, et papa est allé dans le garage et il a ramené, vous ne le devinez pas : un vélo!

Un vélo rouge et argent qui brillait, avec une lampe et une sonnette. Terrible! Moi, je me suis mis à courir et puis, j'ai embrassé maman, j'ai embrassé papa et j'ai embrassé le vélo.

«Il faudra me promettre d'être prudent, a dit papa, et de ne pas faire d'acrobaties!» J'ai promis, alors maman m'a embrassé, elle m'a dit que

A bicicleta

Papai não queria comprar uma bicicleta para mim.

Ele sempre dizia que as crianças são muito descuidadas, que querem fazer acrobacias, quebram suas bicicletas e se machucam. Eu dizia para o papai que eu seria cuidadoso, depois eu chorava e ficava emburrado e depois dizia que ia embora de casa, e, finalmente, papai disse que eu ganharia uma bicicleta se eu ficasse entre os dez primeiros na prova de aritmética.

Foi por isso que ontem eu estava muito feliz voltando da escola, porque eu fiquei em décimo na prova. Quando o papai ficou sabendo, ele arregalou os olhos e disse: “Nossa, mas isso sim é surpreendente”, e a mamãe me beijou e disse que o papai logo compraria uma linda bicicleta para mim, e que era ótimo eu ter me saído bem na prova de aritmética. Devo dizer que tive sorte, porque éramos apenas onze para fazer a prova de aritmética, todos os outros colegas estavam gripados e o décimo primeiro era o Clotário, que sempre fica em último, mas no caso dele não faz diferença porque ele já tem uma bicicleta. Hoje, quando cheguei em casa, vi o papai e a mamãe me esperando no jardim com grandes sorrisos no rosto.

“Nós temos uma surpresa para o nosso homenzinho!” disse a mamãe, e ela sorria com os olhos, e papai entrou na garagem e trouxe, vocês não vão adivinhar: uma bicicleta! Uma bicicleta vermelha e prata que brilhava, com uma lanterna e uma buzina. Incrível! Comecei a correr, em seguida beijei a mamãe, beijei o papai e beijei a bicicleta.

“Tem que me prometer que vai tomar cuidado, disse o papai, e que não vai fazer acrobacias!” Prometi, então a mamãe me beijou, disse que eu era o homenzinho dela e que tinha preparado um pudim

j'étais son grand garçon à elle et qu'elle allait préparer une crème au chocolat pour le dessert et elle est rentrée dans la maison. Ma maman et mon papa sont les plus chouettes du monde!

Papa, il est resté avec moi dans le jardin. « Tu sais, il m'a dit, que j'étais un drôle de champion cycliste et que si je n'avais pas connu ta mère, je serais peut-être passé professionnel? » Ça, je ne le savais pas. Je savais que papa avait été un champion terrible de football, de rugby, de natation et de boxe, mais pour le vélo, c'était nouveau. « Je vais te montrer », a dit papa, et il s'est assis sur mon vélo et il a commencé à tourner dans le jardin.

Bien sûr, le vélo était trop petit pour papa et il avait du mal avec ses genoux qui lui remontaient jusqu'à la figure, mais il se débrouillait. « C'est un des spectacles les plus grotesques auxquels il m'ait été donné d'assister depuis la dernière fois que je t'ai vu! » Celui qui avait parlé c'était monsieur Blédurt, qui regardait par-dessus la haie du jardin. Monsieur Blédurt c'est notre voisin, qui aime bien taquiner papa. « Tais-toi, lui a répondu papa, tu n'y connais rien au vélo! — Quoi? a crié monsieur

Blédurt, sache, pauvre ignorant, que j'étais champion interrégional amateur et que je serais passé professionnel si je n'avais pas connu ma femme! »

Papa s'est mis à rire. « Champion, toi? il a dit, papa. Ne me fais pas rire, tu sais à peine te tenir sur un tricycle! » Ça, ça ne lui a pas plu à monsieur Blédurt. « Tu vas voir », il a dit et il a sauté par-dessus la haie. « Passe-moi ce vélo », il a dit monsieur Blédurt en mettant la main sur le guidon, mais papa refusait

de lâcher le vélo. « On ne t'a pas fait signe, Blédurt, a dit papa, rentre dans ta tanière! — Tu as peur que je te fasse honte devant ton malheureux enfant? » a demandé monsieur Blédurt.

« Tais-toi, tiens, tu me fais de la peine, voilà ce que tu me fais! » a dit papa, il a arraché le guidon des mains de monsieur Blédurt et il a recommencé à tourner dans le jardin.

« Grotesque! » a dit monsieur Blédurt, « Ces paroles d'envie ne m'atteignent pas », a répondu papa.

Moi, je courais derrière papa et je lui ai demandé si je pourrais faire un tour sur mon vélo,

de chocolate para a sobremesa, e entrou dentro de casa. Minha mamãe e meu papai são os melhores do mundo!

O papai ficou comigo no jardim. “Você sabia, ele me disse, que eu fui um grande campeão de ciclismo e que se eu não tivesse conhecido a sua mãe, talvez eu seria profissional?” Disso eu não sabia. Eu sabia que o papai tinha sido um incrível campeão de futebol, de rúgbi, de natação e de boxe, mas de ciclismo, era novidade. “Eu vou te mostrar”, disse o papai, e sentou na minha bicicleta e começou a dar voltas no jardim. Sem dúvidas a bicicleta era muito pequena para o papai e ele teve problemas com os joelhos que chegavam até o rosto, mas ele se saiu bem.

“Esse é um dos espetáculos mais grotescos que eu já assisti desde a última vez que te vi!” Quem disse isso foi o senhor Blédurte, que olhava por cima da cerca do jardim. O senhor Blédurte é o nosso vizinho, que ama irritar o papai. “Cala a boca”, respondeu o papai, “você não entende nada de bicicletas!” “O quê?” gritou o senhor Blédurte, “saiba, pobre ignorante, que eu era campeão inter-regional amador e que eu teria me tornado profissional se eu não tivesse conhecido a minha mulher!”

Papai começou a rir, “Campeão, você?”, disse o papai. “Não me faça rir, você mal sabe se equilibrar em um triciclo!” O senhor Blédurte não gostou nem um pouco disso. “Você vai ver”, ele disse e pulou por cima da cerca. “Me dá essa bicicleta aqui”, disse o senhor Blédurte colocando a mão no guidão, mas o papai se recusava a soltar a bicicleta. “Nós não te chamamos, Blédurte”, disse o papai, “volte para a tua toca!” “Você tem medo de eu te envergonhar na frente do coitado do seu filho?”, perguntou o senhor Blédurte.

“Cala a boca, você me dá pena, isso é o que você me dá!”, disse o papai, ele puxou o guidão da mão do senhor Blédurte e começou a dar voltas no jardim.

“Grotesco!”, disse o senhor Blédurte, “essas palavras de inveja não me atingem”, respondeu o papai.

Eu corria atrás do papai e perguntava se eu podia dar uma volta na minha bicicleta, mas ele não me escutava porque o senhor Blédurte começou a rir olhando para o papai e o papai escorregou nas begônias. “Por que você está rindo que nem um

mais il ne m' écoutait pas, parce que monsieur Blédurt s'est mis à rigoler en regardant papa et papa a dérapé sur les bégonias. « Qu'est-ce que tu as à rire bêtement? » a demandé papa.

« Je peux faire un tour, maintenant? » j'ai dit. « Je ris parce que ça m'amuse de rire! » a dit monsieur Blédurt. « C'est mon vélo, après tout », j'ai dit. « Tu es complètement idiot, mon pauvre Blédurt », a dit papa. « Ah oui? » a demandé monsieur Blédurt. « Oui! » a répondu papa. Alors, monsieur Blédurt s'est approché de papa et il a poussé papa qui est tombé avec mon vélo dans les bégonias. « Mon vélo! » j'ai crié.

Papa s'est levé et il a poussé monsieur Blédurt qui est tombé à son tour en disant « Non mais, essaie un peu! »

Quand ils ont cessé de se pousser l'un l'autre, monsieur Blédurt a dit « J'ai une idée, je te fais une course contre la montre autour du pâté de maisons, on verra lequel de nous deux est le plus fort! Pas question, a répondu papa, je t'interdis de monter sur le vélo de Nicolas!

D'ailleurs, gros comme tu l'es, tu le casserais, le vélo. — Dégonflé! » a dit monsieur Blédurt. « Dégonflé? moi? a crié papa, tu vas voir! »

Papa a pris le vélo et il est sorti sur le trottoir. Monsieur Blédurt et moi nous l'avons suivi.

Moi, je commençais à en avoir assez et puis je ne m'étais même pas assis sur le vélo! « Voilà, a dit papa, on fait chacun un tour du pâté de maisons et on chronomètre, le gagnant est proclamé champion. Ce n'est d'ailleurs qu'une formalité, pour moi, c'est gagné d'avance! — Je suis heureux que tu reconnaises ta défaite », a dit monsieur Blédurt. « Et moi, qu'est-ce que je fais? » J'ai demandé. Papa s'est retourné vers moi, tout surpris, comme s'il avait oublié que j'étais là. « Toi? il m'a dit papa, toi? Eh bien, toi, tu seras le chronométrateur. Monsieur Blédurt va te donner sa montre. »

Mais monsieur Blédurt ne voulait pas la donner, sa montre, parce qu'il disait que les enfants ça cassait tout, alors papa lui a dit qu'il était radin et il m'a donné sa montre à lui qui est chouette avec une grande aiguille qui va très vite mais moi j'aurais préféré mon vélo.

Papa et monsieur Blédurt ont tiré au sort et c'est monsieur Blédurt qui est parti le premier.

Comme c'est vrai qu'il est assez gros, on ne voyait

idiot? », perguntou o papai. “Agora eu posso dar uma volta?”, eu disse. “Estou rindo porque eu gosto de rir!”, disse o senhor Blédurte. “Afinal de contas, é a minha bicicleta”, eu disse. “Você é um completo idiota, meu pobre Blédurte”, disse o papai. “Ah, é?”, perguntou o senhor Blédurte. “Sim!”, respondeu o papai. Então o senhor Blédurte se aproximou do papai e empurrou o papai, que caiu com a minha bicicleta em cima das begônias.

“Minha bicicleta!”, eu gritei.

O papai se levantou e empurrou o senhor Blédurte, que, por sua vez, caiu dizendo “vamos lá, experimental!”

Quando eles pararam de se empurrar, o senhor Blédurte disse “Tenho uma ideia, eu te proponho uma corrida ao redor do quarteirão, marcando o tempo no relógio, vamos ver qual de nós é o melhor!” “Fora de questão”, respondeu o papai, “eu te proíbo de andar na bicicleta do Nicolau! Além disso, pelo seu tamanho, você quebraria a bicicleta”.

“Covarde!”, disse o senhor Blédurte.

“Covarde? Eu?”, gritou o papai, “você vai ver só!”

O Papai pegou a bicicleta e saiu pela calçada. O senhor Blédurte e eu fomos atrás dele. Eu estava começando a ficar cansado disso e nem sequer tinha sentado na bicicleta “Aqui está”, disse o papai, “cada um dá a volta no quarteirão e cronometra, o vencedor é declarado campeão. É, na verdade, apenas uma formalidade, para mim, pois já está ganho!” “Estou feliz que você reconhece a sua derrota”, disse o senhor Blédurte. “E eu faço o que?”, perguntei. O Papai se virou para mim completamente surpreso, como se tivesse esquecido que eu estava ali. “Você?”, me disse o papai, “você? Bom, você será o cronometrista”. O senhor Blédurte vai te dar o relógio dele.” Mas o senhor Blédurte não quis entregar seu relógio porque ele dizia que as crianças quebram tudo, então o papai disse para ele que ele era um mão-de-vaca e me deu o seu relógio, que é bem legal e tem um ponteiro grande que gira muito rápido, mas eu preferia a minha bicicleta.

O Papai e o senhor Blédurte tiraram na sorte e o senhor Blédurte foi o primeiro a sair. Como é verdade que ele é bastante gordo, quase não dava para ver a bicicleta e as pessoas que passavam na rua se viravam rindo para olhar para o senhor Blédurte. Ele não ia muito depressa e depois virou a

presque pas le vélo et les gens qui passaient dans la rue se retournaient en rigolant pour le regarder, monsieur Blédurt. Il n'allait pas très vite et puis, il a tourné le coin et il a disparu. Quand on l'a vu revenir par l'autre coin, monsieur Blédurt était tout rouge, il tirait la langue et il faisait des tas de zigzags. « Combien? » il a demandé quand il est arrivé devant moi. « Neuf minutes et la grande aiguille entre le cinq et le six », j'ai répondu. Papa s'est mis à rigoler. « Ben mon vieux, il a dit, avec toi, le Tour de France ça durerait six mois! — Plutôt que de te livrer à des plaisanteries infantiles, a répondu monsieur Blédurt qui avait du mal à respirer, essaie de faire mieux! » Papa a pris le vélo et il est parti. Monsieur Blédurt qui reprenait sa respiration et moi qui regardais la montre, on attendait. Moi, je voulais que papa gagne, bien sûr, mais la montre avançait et on a vu neuf minutes et puis après, dix minutes. « J'ai gagné! Je suis le champion! » a crié monsieur Blédurt. A quinze minutes, on ne voyait toujours pas revenir papa. « C'est curieux, a dit monsieur Blédurt, on devrait aller voir ce qui s'est passé. » Et puis, on a vu papa qui arrivait. Il arrivait à pied. Il avait le pantalon déchiré, il avait son mouchoir sur le nez et il tenait le vélo à la main. Le vélo qui avait le guidon de travers, la roue toute tordue et la lampe cassée. « Je suis rentré dans une poubelle », a dit papa. Le lendemain, j'en ai parlé pendant la récré à Clotaire. Il m'a dit qu'il lui était arrivé à peu près la même chose avec son premier vélo. « Qu'est-ce que tu veux, il m'a dit, Clotaire, les papas, c'est toujours pareil, ils font les guignols, et, si on ne fait pas attention, ils cassent les vélos et ils se font mal. »

Je quitte la maison

Je suis parti de la maison! J'étais en train de jouer dans le salon et j'étais bien sage, et puis, simplement parce que j'ai renversé une bouteille d'encre sur le tapis neuf, maman est venue et elle m'a grondé. Alors, je me suis mis à pleurer et je lui ai dit que je m'en irais et qu'on me regretterait beaucoup et maman a dit : « Avec tout ça il se fait tard, il faut que j'aille faire

esquina e desapareceu. Quando a gente viu ele voltando pela outra esquina, o senhor Blédurte estava todo vermelho, ele colocava a língua para fora e fazia um monte de ziguezagues. “Quanto?”, ele perguntou quando chegou na minha frente. “Nove minutos e o ponteiro grande entre o cinco e o seis”, eu respondi. Papai começou a rir. “Bom, meu velho”, ele disse, “com você o Tour de France duraria seis meses!” “Antes de começar com as piadinhas infantis”, respondeu o senhor Blédurte, que mal conseguia respirar, “tenta fazer melhor!”

Papai pegou a bicicleta e saiu.

O senhor Blédurte recuperava o fôlego e eu olhava o relógio, enquanto esperávamos.

É claro que eu queria que o papai ganhasse, mas o tempo no relógio passava e vimos nove minutos e logo depois dez minutos. “Ganhei! Eu sou o campeão!”, gritou o senhor Blédurte.

Com quinze minutos, ainda não estávamos vendo o papai voltar. “É estranho”, disse o senhor Blédurte, “a gente devia ir ver o que aconteceu”. Em seguida vimos o papai chegar. Ele vinha a pé. As suas calças estavam rasgadas, o seu lenço estava no nariz e ele trazia a bicicleta na mão. A bicicleta que estava com o guidão torto, a roda toda torta e a lanterna quebrada. “Eu bati em uma lixeira”, disse o papai.

No outro dia, eu contei o que tinha acontecido para o Clotário durante o recreio. Ele me disse que aconteceu quase a mesma coisa com a primeira bicicleta dele.

“O que você quer”, ele me disse, “os pais são sempre iguais, eles fazem as palhaçadas, e se não tivermos cuidado, eles quebram as bicicletas e se machucam.”

Fugi de casa

Fui embora de casa! Eu estava brincando na sala e estava me comportando, então, simplesmente, porque eu derrubei uma lata de tinta no tapete novo, a mamãe veio e brigou comigo. Então eu comecei a chorar e disse para ela que eu iria embora e que eles iam sentir muito a minha falta, e a mamãe disse: “Por causa disso está ficando tarde, preciso ir fazer minhas compras”, e ela saiu.

mes courses ». et elle est partie.
Je suis monté dans ma chambre pour prendre ce dont j'aurais besoin pour quitter la maison.
J'ai pris mon cartable et j'ai mis dedans la petite voiture rouge que m'a donnée tante Eulogie, la locomotive du petit train à ressort, avec le wagon de marchandises, le seul qui me reste, les autres wagons sont cassés, et un morceau de chocolat que j'avais gardé du goûter. J'ai pris ma tirelire, on ne sait jamais, je peux avoir besoin de sous, et je suis parti.
C'est une veine que maman n'ait pas été là, elle m'aurait sûrement défendu de quitter la maison. Une fois dans la rue, je me suis mis à courir. Maman et papa vont avoir beaucoup de peine, je reviendrai plus tard, quand ils seront très vieux, comme mémé, et je serai riche, j'aurai un grand avion, une grande auto et un tapis à moi, où je pourrai renverser de l'encre et ils seront drôlement contents de me revoir.
Comme ça, en courant, je suis arrivé devant la maison d'Alceste, Alceste c'est mon copain, celui qui est très gros et qui mange tout le temps, je vous en ai peut-être déjà parlé. Alceste était assis devant la porte de sa maison, il était en train de manger du pain d'épices. « Où vas-tu? » m'a demandé Alceste en mordant un bon coup dans le pain d'épices. Je lui ai expliqué que j'étais parti de chez moi et je lui ai demandé s'il ne voulait pas venir avec moi.
« Quand on reviendra, dans des tas d'années, je lui ai dit, nous serons très riches, avec des avions et des autos et nos papas et nos mamans seront tellement contents de nous voir, qu'ils ne nous gronderont plus jamais. » Mais Alceste n'avait pas envie de venir. « T'es pas un peu fou, il m'a dit, ma mère fait de la choucroute ce soir, avec du lard et des saucisses, je ne peux pas partir. » Alors, j'ai dit au revoir à Alceste et il m'a fait signe de la main qui était libre, l'autre était occupée à pousser le pain d'épices dans sa bouche.
J'ai tourné le coin de la rue et je me suis arrêté un peu, parce qu'Alceste m'avait donné faim et j'ai mangé mon bout de chocolat, ça me donnera des forces pour le voyage. Je voulais aller très loin, très loin, là où papa et maman ne me trouveraient pas, en Chine ou à Arcachon où nous avons passé les vacances l'année

Subi para o meu quarto para pegar o que eu precisaria para sair de casa.
Peguei minha mochila e coloquei dentro o carrinho vermelho que a tia Eulógia me deu, a locomotiva do trenzinho, com o vagão de mercadorias, o único que sobrou, os outros vagões quebraram, e um pedaço de chocolate que eu tinha guardado do lanche.
Peguei meu cofrinho, nunca se sabe, eu posso precisar de dinheiro, e fui embora.
Foi sorte a mamãe não estar lá, ela provavelmente teria me proibido de sair de casa.
Quando cheguei na rua comecei a correr.
Mamãe e papai vão ficar muito tristes, eu só voltarei depois, quando eles estiverem bem velhos, como a vovó, e serei rico, terei um avião grande, um carro grande e um tapete próprio, onde eu vou poder derramar tinta e eles ficarão muito felizes de me ver de novo.
Assim, correndo, cheguei na frente da casa do Alceste, Alceste é um amigo, aquele que é bem gordo e que come o tempo todo, talvez eu já tenha dito pra vocês. Alceste estava sentado na frente da porta da casa dele, ele estava comendo pão de mel.
“Aonde você vai?”, o Alceste me perguntou enquanto mordida um grande pedaço do pão de mel. Eu expliquei para ele que eu tinha saído de casa e perguntei para ele se ele não queria vir comigo.
“Quando a gente voltar, daqui alguns anos”, eu disse para ele, “nós estaremos muito ricos, com aviões e carros, e nossos pais ficarão muito felizes de nos ver, tão felizes que nunca mais vão brigar com a gente.” Mas o Alceste não tinha vontade de vir. “Você é um pouco louco”, ele me disse, “minha mãe fez chucrute essa noite, com bacon e salsicha, eu não posso sair de casa”. Então, eu me despedi do Alceste e ele acenou com a mão que estava livre, a outra estava ocupada colocando o pão de mel dentro da boca.
Virei a esquina da rua e parei um pouco, porque o Alceste me fez ficar com fome e eu comi o meu pedaço de chocolate, isso vai me dar forças para a viagem. Eu queria ir muito longe, bem longe, onde o papai e a mamãe não me encontrassem, na China ou em Arcachon, onde passamos as férias do ano passado e é muito longe da nossa casa, lá tem mar e ostras. Mas para ir tão longe seria preciso comprar um carro ou um avião. Sentei na beira da calçada e quebrei o meu cofrinho e contei as minhas moedas. Para o carro e o avião não tinha dinheiro suficiente,

dernière et c'est drôlement loin de chez nous, il y a la mer et des huîtres. Mais, pour partir très loin, il fallait acheter une auto ou un avion. Je me suis assis au bord du trottoir et j'ai cassé ma tirelire et j'ai compté mes sous. Pour l'auto et pour l'avion, il faut dire qu'il n'y en avait pas assez, alors, je suis entré dans une pâtisserie et je me suis acheté un éclair au chocolat qui était vraiment bon. Quand j'ai fini l'éclair, j'ai décidé de continuer à pied, ça prendra plus longtemps, mais puisque je n'ai pas à rentrer chez moi, ni à aller à l'école, j'ai tout le temps. Je n'avais pas encore pensé à l'école et je me suis dit que demain, la maîtresse, en classe, dirait : « Le pauvre Nicolas est parti tout seul, tout seul et très loin, il reviendra très riche, avec une auto et un avion », et tout le monde parlerait de moi et serait inquiet pour moi et Alceste regretterait de ne pas m'avoir accompagné. Ce sera drôlement chouette. J'ai continué à marcher, mais je commençais à être fatigué, et puis, ça n'allait pas bien vite, il faut dire que je n'ai pas des grandes jambes, ce n'est pas comme mon ami Maixent, mais je ne peux pas demander à Maixent de me prêter ses jambes. Ça, ça m'a donné une idée je pourrais demander à un copain de me prêter son vélo. Justement je passais devant la maison de Clotaire. Clotaire a un chouette vélo, tout jaune et qui brille bien. Ce qui est embêtant, c'est que Clotaire n'aime pas prêter des choses. J'ai sonné à la porte de la maison de Clotaire et c'est lui-même qui est venu ouvrir. « Tiens, il a dit, Nicolas! Qu'est-ce que tu veux? — Ton vélo », je lui ai dit, alors Clotaire a fermé la porte. J'ai sonné de nouveau et, comme Clotaire n'ouvrait pas, j'ai laissé le doigt sur le bouton de la sonnette. Dans la maison j'ai entendu la maman de Clotaire qui criait «Clotaire! Va ouvrir cette porte! » Et Clotaire a ouvert la porte mais il n'avait pas l'air tellement content de me voir toujours là. « Il me faut ton vélo, Clotaire, je lui ai dit. Je suis parti de la maison et mon papa et ma maman auront de la peine et je reviendrai dans des tas d'années et je serai très riche avec une auto et un avion. » Clotaire m'a répondu que je vienne le voir à mon retour, quand je serai très riche, là,

então, entrei em uma confeitaria e comprei uma bomba de chocolate que estava realmente muito bom.

Quando eu terminei de comer, decidi continuar a pé, vai levar mais tempo, mas já que eu não tenho que voltar para casa nem ir para a escola, tenho todo o tempo. Eu ainda não tinha pensando na escola e pensei que amanhã a professora na aula vai dizer:

“O pobre Nicolau foi embora sozinho, completamente sozinho e para muito longe, ele vai voltar muito rico, com um carro e um avião”, e todos falariam sobre mim e ficariam preocupados comigo e o Alceste se arrependeria de não ter vindo comigo. Vai ser muito divertido.

Continuei caminhando, mas comecei a ficar muito cansado, e depois não estava indo muito rápido, é preciso dizer que não tenho as pernas grandes como o meu amigo Maximiliano, mas não posso pedir para o Maximiliano me emprestar as pernas dele. Isso me deu uma ideia, eu podia pedir emprestado a bicicleta de algum amigo.

Por coincidência eu estava passando em frente a casa do Clotário. O Clotário tem uma bicicleta legal, toda amarela e que brilha muito. O que é chato, é que o Clotário não gosta de emprestar as coisas.

Toquei a campainha da casa do Clotário e foi ele mesmo quem veio abrir. “Olha só”, ele disse, “Nicolau! O que você quer?” “Sua bicicleta”, eu respondi, então o Clotário fechou a porta. Toquei a campainha de novo e como o Clotário não abria, deixei o dedo no botão da campainha. Dentro da casa escutei a mãe do Clotário gritando “Clotário! Vai abrir essa porta!” E o Clotário abriu a porta mas não estava muito contente de me ver ainda lá. Eu disse para ele: “eu preciso da sua bicicleta, Clotário. Eu saí de casa e meus pais vão ficar tristes e eu vou voltar daqui alguns anos e estarei muito rico com um carro e um avião.” Clotário me disse para vir falar com ele quando eu voltar, quando eu for muito rico, aí ele vai vender a bicicleta dele para mim. O que o Clotário me disse não me ajudava muito, mas aí eu pensei que eu precisava de dinheiro, com dinheiro eu ia poder comprar a bicicleta do Clotário.

O Clotário gosta muito de dinheiro. Fiquei pensando no que fazer para arranjar dinheiro. Eu não podia trabalhar, era quinta-feira. Então pensei que eu poderia vender os brinquedos que eu tinha dentro da minha mochila: o carrinho da tia Eulógia

il me vendra son vélo. Ça ne m'arrangeait pas trop, ce que m'avait dit Clotaire, mais j'ai pensé qu'il fallait que je trouve des sous; pour des sous, je pourrais acheter le vélo de Clotaire. Clotaire aime bien les sous.

Je me suis demandé comment faire pour trouver des sous. Travailler, je ne pouvais pas, c'était jeudi. Alors j'ai pensé que je pourrais vendre les jouets que j'avais dans mon cartable: l'auto de tante Eulogie et la locomotive avec le wagon de marchandises, qui est le seul qui me reste parce que les autres wagons sont cassés. De l'autre côté de la rue j'ai vu un magasin de jouets, je me suis dit que, là, ça pourrait les intéresser mon auto et le train.

Je suis entré dans le magasin et un monsieur très gentil m'a fait un grand sourire et il m'a dit : «Tu veux acheter quelque chose, mon petit bonhomme? Des billes? Une balle? » Je lui ai dit que je ne voulais rien acheter du tout, que je voulais vendre des jouets et j'ai ouvert le cartable et j'ai mis l'auto et le train par terre, devant le comptoir. Le monsieur gentil s'est penché, il a regardé, il a eu l'air étonné et il a dit : « Mais, mon petit, je n'achète pas des jouets, j'en vends. » Alors je lui ai demandé où il trouvait les jouets qu'il vendait, ça m'intéressait. « Mais, mais, mais, il m'a répondu, le monsieur, je ne les trouve pas, je les achète. — Alors, achetez-moi les miens », j'ai dit au monsieur. « Mais, mais, mais, il a fait de nouveau, le monsieur, tu ne comprends pas, je les achète, mais pas à toi, à toi je les vends, je les achète dans des fabriques, et toi... C'est-à-dire... » Il s'est arrêté et puis il a dit « Tu comprendras plus tard, quand tu seras grand. »

Mais, ce qu'il ne savait pas, le monsieur, c'est que quand je serai grand, je n'aurai pas besoin de sous, puisque je serai très riche, avec une auto et un avion. Je me suis mis à pleurer. Le monsieur était très embêté, alors, il a cherché derrière le comptoir et il m'a donné une petite auto et puis il m'a dit de partir parce qu'il se faisait tard, qu'il devait fermer le magasin et que des clients comme moi, c'était fatigant après une journée de travail. Je suis sorti du magasin avec le petit train et deux autos, j'étais rudement content. C'est vrai qu'il se faisait tard, il commençait à faire

e a locomotiva com o vagão de mercadorias, que é o único que sobrou porque os outros vagões quebraram. Do outro lado da rua eu vi uma loja de brinquedos, e pensei que eles poderiam se interessar pelo meu carrinho e pelo meu trenzinho.

Entrei na loja e um senhor muito gentil sorriu para mim e me disse: “Você quer comprar alguma coisa, meu rapazinho? Bolinhas de gude? Bola?”, eu disse para ele que eu não queria comprar nada, que eu queria era vender os meus brinquedos, abri a mochila e coloquei o carrinho e o trenzinho no chão, em frente ao balcão. O senhor gentil se inclinou, olhou, ele parecia um pouco surpreso e ele disse: “Mas, meu querido, eu não compro brinquedos, eu vendo”. Então eu perguntei para ele onde ele encontrava os brinquedos que ele vendia, eu estava interessado. “Mas, mas, mas, ele me respondeu, eu não os acho, eu os compro”. “Então compra os meus”, eu disse para o senhor. “Mas, mas, mas, ele fez de novo, você não entende, eu os compro, mas não de você, para você eu vendo, eu compro em fábricas, e você... Quer dizer...” Ele parou e depois disse “Quando você for grande, você vai entender”.

Mas o que ele não sabia é que quando eu for grande, eu não vou precisar de dinheiro porque eu vou ser muito rico, com um carro e um avião.

Comecei a chorar. O senhor estava muito incomodado, então ele procurou atrás do balcão e me deu um carrinho e depois me mandou ir embora porque já estava ficando tarde, e ele tinha que fechar a loja e que clientes como eu eram muito cansativos depois de um dia de trabalho. Saí da loja com o trenzinho e dois carros, eu estava muito feliz. Era verdade que já estava ficando, já estava ficando escuro e não tinha mais ninguém nas ruas, comecei a correr. Quando cheguei em casa, a mamãe brigou comigo porque eu estava atrasado para o jantar. Já que é assim, eu juro: amanhã eu vou embora de casa. Papai e mamãe vão ficar muito tristes e eu só voltarei daqui alguns anos, serei rico e terei um carro e um avião!

noir et il n'y avait plus personne dans les rues, je me suis mis à courir. Quand je suis arrivé à la maison, maman m'a grondé parce que j'étais en retard pour le dîner.

Puisque c'est comme ça, c'est promis : demain je quitterai la maison. Papa et maman auront beaucoup de peine et je ne reviendrai que dans des tas d'années, je serai riche et j'aurai une auto et un avion!